



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**ASPECTOS DAS CONSTRUÇÕES PASSIVAS COM VERBOS
PSICOLÓGICOS**

Bruno Pilastre de Souza Silva

Brasília
2012

Bruno Pilastre de Souza Silva

**ASPECTOS DAS CONSTRUÇÕES PASSIVAS COM VERBOS
PSICOLÓGICOS**

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística,
Português e Línguas Clássicas da Universidade de
Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Linguística.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Rozana Reigota Naves (UnB-LIP)

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Rozana Reigota Naves (UnB-LIP)

Prof^a. Dr^a. Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida
Salles (UnB-LIP)

Prof. Dr. Alessandro Boechat de Medeiros (UFRJ)

Prof^a. Dr^a. Eloisa Nascimento Silva Pilati (UnB-
LIP/Suplente)

2012

Dedico esta dissertação a Deus pai todo-poderoso,
à minha família e à Universidade de Brasília.

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

Ricardo Reis

AGRADECIMENTOS

A Deus pai todo-poderoso, criador do céu e da terra; e a Jesus Cristo, pela graça concedida. Durante os meus estudos, Deus sempre instruiu meu coração com a luz do Espírito Santo. Obrigado, Senhor.

Este trabalho não seria possível sem o amor e o apoio recebido de minha família desde o meu ingresso na Universidade de Brasília. Por diversas vezes não pude estar presente nas atividades familiares. A ausência foi encarada por todos como um sacrifício necessário para a conquista de um sonho. Obrigado, mãe, pai e irmãos, por todo o amor recebido.

À minha linda esposa Juliana Dias Pilastre dedico especialmente esta dissertação. Não sei quantas vezes fiquei angustiado por não poder estar ao seu lado por estar imerso em tantos períodos de leitura e escrita. A todo o momento recebia incentivo por meio de suas palavras e gestos carinhosos. Eu te amo, Juliana!

Agradeço toda a atenção recebida de minha orientadora, a Professora Doutora Rozana Reigota Naves. Desde a graduação a tenho como exemplo de profissional, sendo sempre evidente o seu amor à pesquisa e à docência. Obrigado, professora, por todo o incentivo e pelo exemplo.

Agradeço a Universidade de Brasília, o Instituto de Letras, o Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas e o Programa de Pós-Graduação em Linguística pelo apoio institucional recebido desde a graduação. Em especial, agradeço o apoio da Prof^a. Dr^a. Heloísa M. Salles, com quem aprendi muito, principalmente nas reuniões de comissão e colegiado. Sua postura ética, sua coerência e suas análises linguísticas inspiraram-me sobremaneira. Agradeço, também, o apoio constante e irrestrito das secretárias Ângela e Renata, sempre solícitas quando eu precisava de alguma informação.

Como aluno, sou grato pelos ensinamentos transmitidos pelos professores Aryon Dall'Igna Rodrigues, Ana Suelly Câmara Arruda Cabral, Dionei Moreira Gomes, Eloisa Pilati, Helena da Silva Guerra Vicente e Maria Isabel Edom Pires. Agradeço, do mesmo modo, a participação do professor Alessandro de Medeiros Boechat (UFRJ) na Banca Examinadora de minha dissertação.

Construí, durante o mestrado, ricas relações com meus colegas Wanderson, Mirna e Márcia. Desde a graduação eu e o Wanderson conduzimos profícuas conversas sobre Língua Portuguesa e Linguística. O apoio que recebi dele em minha iniciação

profissional foi também fundamental. Como padrinho e amigo, serei sempre grato por suas orientações e apoio aos projetos compartilhados. Academicamente, recebi muito apoio das colegas Mirna e Márcia. Partilhamos pressões e dificuldades estudando a difícil teoria gerativa, principalmente quando fomos iniciados ao Minimalismo. Mas tudo foi feito coletivamente, e isso nos ajudou muito. O colega Sanderson foi, também, um grande incentivador de meu início nos estudos linguísticos. Obrigado a todos.

Agradeço, por fim, o apoio recebido nas duas instituições de ensino a que me dediquei durante estes dois anos: Colégio Galois e Gran Cursos. O entusiasmo de meus colegas do Galois – principalmente o professor Pedro Galas, mestre em Literatura e grande exemplo de paixão pela leitura, a professora Mônica, o professor Nei, a coordenadora Cristina e o professor Hélio Justino – nutriu-me grande ânimo para dar sequência aos meus estudos. O professor Granjeiro (Gran Cursos), a professora Ivonete e a coordenadora Regina sempre foram muito compreensivos em relação à minha dedicação aos estudos. A eles sou grato pelo apoio.

RESUMO

O objeto de estudo desta dissertação são as construções passivas (verbais e adjetivas) com verbos psicológicos. Interessa-nos, aqui, estudar a assimetria de comportamento desses verbos em contexto de construção passiva, partindo do fato empírico de que verbos das subclasses de *temer/acalmar* licenciam somente a passiva verbal, verbos da subclasse de *preocupar* licenciam somente a passiva adjetiva e verbos da subclasse de *animar* licenciam ambas as formas de passiva. Procuramos, nesta dissertação, identificar e explicitar as propriedades sintáticas e semânticas das construções passivas com verbos psicológicos, no intuito de explicar a assimetria que constitui nosso objeto de estudo. Partimos da noção de composicionalidade, o que significa dizer que pressupomos que os auxiliares *ser* e *ficar*, as preposições *por* e *com*, além da formação verbo mais particípio, determinam, por meio de seus traços abstratos, diferenças estruturais entre passivas verbais e adjetivas. Defendemos, a partir de Boeckx (1998), Collins (2005) e Alexiadou (2005), que a construção passiva verbal possui propriedades distintas da passiva adjetiva e que as diferenças estão relacionadas à projeção do núcleo funcional Voice na passiva verbal, o qual é o *locus* da natureza causativa do processo verbal, o que produz a leitura eventiva dessa construção. A ausência desse núcleo na passiva adjetiva é a razão da interpretação estativa dessa construção.

ABSTRACT

This dissertation focuses on verbal and adjectival passive constructions formed with psychological verbs. We are interested in the asymmetric behavior of these verbs in the context of passive construction, based on the empirical fact that verbs of the subclasses of *temer* ('fear') and *acalmar* ('calm') license only verbal passives, while verbs of the subclass of *preocupar* ('worry') license only adjectival passives and verbs of the subclass of *animar* ('amuse') license both forms of passive. We aim to identify and describe syntactic and semantic properties of passive constructions with psychological verbs in order to explain the asymmetry described above. We deal with the notion of compositionality, which means that we assume that the auxiliaries *ser* ('be') and *ficar* ('get'), the prepositions *por* ('by') and *com* ('with'), and the verb plus participle formation determine, through their abstract features, structural differences between verbal and adjectival passives. We argue, based on the works of Boeckx (1998), Collins (2005) and Alexiadou (2005), that the verbal passive construction has distinct properties in relation to adjectival passive and that the differences are related to the projection of the functional head Voice in the verbal passive, which is the *locus* of the causative nature of the verbal process, which produces the eventive reading of this construction. The absence of this head in the adjectival passive is the reason of the stative interpretation of this construction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	02
1. As subclasses de predicados psicológicos.....	05
2. Metodologia e constituição do <i>corpus</i>	11
3. Objetivos, hipóteses e estrutura da dissertação.....	13
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
1.1 A construção passiva verbal na teoria de Regência e Ligação (GB).....	22
1.1.1 Jaeggli (1986).....	24
1.1.2 Baker, Johnson & Roberts (1989).....	27
1.2 A construção passiva adjetiva na teoria de Regência e Ligação (GB).....	29
1.3 A construção passiva com verbos psicológicos.....	31
CAPÍTULO 2 – PROPOSTAS RECENTES SOBRE A ESTRUTURA DAS PASSIVAS VERBAIS E ADJETIVAS.....	36
2.1 Propostas recentes para a construção passiva verbal.....	36
2.1.1 Boeckx (1998).....	36
2.1.2 Collins (2005).....	40
2.2 A construção passiva adjetiva: Alexiadou (2005).....	46
CAPÍTULO 3 – PROPOSTA DE ANÁLISE DAS PASSIVAS COM VERBOS PSICOLÓGICOS.....	52
3.1 Retomando o problema: a construção passiva com verbos psicológicos.....	53
3.2 As propriedades dos predicados psicológicos e da construção passiva.....	53
3.3 Em direção a uma proposta de análise das passivas com verbos psicológicos.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68
APÊNDICE.....	73
Lista dos verbos psicológicos analisados.....	73
Lista de construções passivas verbais e adjetivas com verbos psicológicos.....	76

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura analisar, com base no arcabouço teórico da Gramática Gerativa, as propriedades sintático-semânticas das construções passivas (verbais e adjetivas) com verbos psicológicos. Mais especificamente, o objetivo é mapear as propriedades dos verbos psicológicos em construções passivas, identificando e analisando as subclasses desses verbos que: (i) licenciam apenas a construção de passiva verbal; (ii) licenciam apenas a construção de passiva adjetiva; e (iii) licenciam ambas as construções, passiva verbal e adjetiva.

Os verbos psicológicos – verbos que denotam um estado emocional e têm, obrigatoriamente, um argumento Experienciador (Cançado, 1995) – licenciam a formação de passiva verbal e/ou de passiva adjetiva.¹ A descrição do fenômeno é apresentada a seguir:²

- (1) Verbo *temer*
 - a. Antônio temeu o urso.
 - a'. O urso foi temido por Antônio.
- (2) Verbo *preocupar*
 - a. Eliana preocupou o pai.
 - a'. *O pai foi preocupado por Eliana.

Percebemos, após a análise das sentenças em (1) e (2), que não são todos os verbos psicológicos que aceitam passiva verbal. Há, portanto, uma primeira assimetria nessa classe de verbos. O grupo de *temer*, dado (1), aceita a passiva verbal; o grupo de *preocupar*, dado (2), por sua vez, não aceita essa mesma construção, a passiva verbal.

A assimetria permanece quando construímos a passiva adjetiva, com o auxiliar *ficar*:

¹ Os predicados psicológicos constituem uma classe cuja propriedade semântica é a de denotar algum tipo de percepção ou atividade mental. Também são caracterizados por expressar alguma forma de sentimento ou emoção, isto é, descrever estados da mente ou mudanças nos estados da mente (Levin, 1993 *apud* Naves (2005)). Nesta dissertação, interessa-nos tratar especificamente dos predicados psicológicos que denotam emoção/sentimento.

² Na descrição do fenômeno, tomaremos os verbos *temer*, *preocupar* e *animar* como prototípicos do comportamento assimétrico dos verbos psicológicos quanto à formação de passivas verbais e/ou adjetivas, observando que esse comportamento assimétrico também ocorre com uma vasta gama de verbos psicológicos, como demonstrado pelos dados analisados. Para discussão mais detalhada, ver Capítulo 1 e apêndice.

- (3) Verbo *temer*
a. José teme o cachorro.
a'. *O cachorro fica temido com José.
- (4) Verbo *preocupar*
a. Ana preocupou Antônia.
a'. Antônia ficou preocupada com Ana.

A partir dos dados (3) e (4), a assimetria pode ser assim enunciada: o grupo de *temer*, embora aceite a passiva verbal, apresenta restrição à passiva adjetiva (dado (3)); o grupo de *preocupar*, de outro modo, rejeita a passiva verbal, mas aceita a passiva adjetiva (dado (4)).

Para ampliar a assimetria quanto ao comportamento dos verbos psicológicos em construções passivas, observemos o comportamento de verbos como *animar*:

- (5) Verbo *animar*
a. O marido foi animado pela esposa.
a'. O marido ficou animado com a esposa.

O verbo *animar*, em (5), representa uma terceira subclasse de verbos psicológicos no que se refere a essa propriedade gramatical, pois aceita os dois tipos de passiva, a verbal e a adjetiva.

O fenômeno analisado acima evidencia que há conhecimentos linguísticos que se desenvolvem independentemente de ensinamentos escolares formais. As gramáticas da língua portuguesa enunciam que as estruturas passivas ocorrem com verbos transitivos diretos. Porém, não tratam dos fenômenos relacionados à voz passiva (verbal e/ou adjetiva) com verbos psicológicos. Por que, então, o falante faz uso exclusivo de passivas adjetivas com certos verbos psicológicos (como *preocupar*) e não com outros (que não licenciam as construções passivas adjetivas, como *temer*)? Do mesmo modo, por que constrói exclusivamente passivas verbais com determinados verbos psicológicos (como *menosprezar*) e não com outros (como *deprimir*)? E, por fim, por que o falante forma passivas verbais e passivas adjetivas com um terceiro grupo de verbos, como *animar*, *apavorar* e *atormentar*?

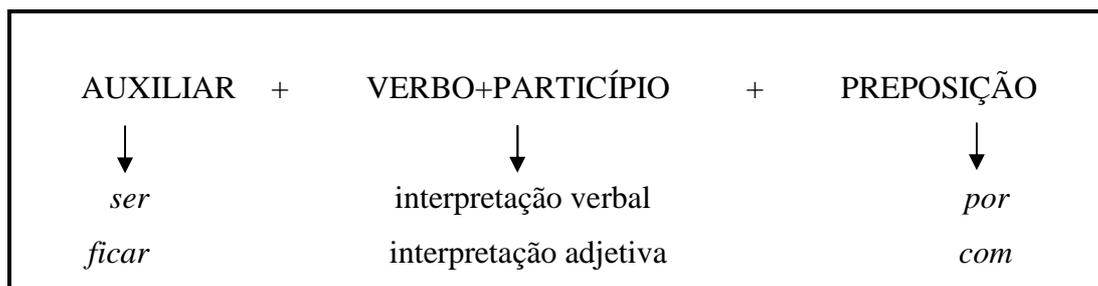
A aquisição desse conhecimento não pode ser por processo mnemônico, pois memorizar cada estrutura e cada especificidade dos verbos psicológicos em estruturas

passivas demandaria um esforço enorme, além de exigir um maior tempo para o processo de aquisição da língua. O mais interessante é perceber – e reiterar – que o falante nativo de português domina as construções passivas com verbos psicológicos (produzindo-as ou não) antes de iniciar os estudos escolares. E mesmo que as dominasse após os estudos formais, o ensino da língua não poderia explicar o conhecimento do falante, pois as nossas gramáticas não oferecem reflexões sobre o fenômeno aqui analisado.

Nesse sentido, nosso trabalho procura aprofundar e ampliar as reflexões acerca do tema, discutindo as relações entre léxico e sintaxe e ampliando as noções – por vezes incompletas – do ensino de análise gramatical tradicional. O estudo desse fenômeno permite – de modo paralelo – ampliar as reflexões sobre aquisição, investigando a maneira pela qual o falante opera os traços e as categorias nas construções passivas com as três subclasses de verbos psicológicos.

Consideramos como pressuposto de análise o conceito de composicionalidade. Defendemos, portanto, a ideia de que propriedades semânticas lexicais do verbo, bem como propriedades semânticas e morfossintáticas do morfema de particípio, do auxiliar e da preposição estão envolvidas no licenciamento da construção passiva verbal e adjetiva com verbos psicológicos. O esquema a seguir ilustra a noção de composicionalidade:

Composicionalidade em construções passivas com verbos psicológicos



O auxiliar *ser*, a preposição *por* e a formação verbo mais morfema participial atuam conjuntamente para produzir a passiva verbal. Do mesmo modo, o auxiliar *ficar*, a preposição *com* e a forma verbo mais morfema participial atuam conjuntamente para produzir a passiva adjetiva.

Nesta dissertação, consideramos que a análise a ser proposta para a passiva verbal e passiva adjetiva é válida para qualquer verbo que possibilite uma construção

e/ou a outra. A questão de desenvolver uma dissertação tendo como objeto de estudo os predicados psicológicos é que eles mostram comportamentos específicos em relação a cada uma das construções, o que pode ajudar a identificar quais são os traços lexicais e estruturais relevantes para a passiva verbal e para a passiva adjetiva.

1. As subclasses de predicados psicológicos

Tem sido demonstrado na literatura que a classe dos predicados psicológicos não é homogênea em termos do mapeamento dos argumentos na sintaxe. No dado (6) abaixo, observamos que o grupo da classe de *temer* (*admirar, apreciar, desfrutar, favorecer, odiar, amar*) atribui papel temático de Experienciador ao argumento na posição de sujeito, enquanto o grupo de *preocupar* (*assombrar, agradar, divertir, irritar, aborrecer, surpreender, assustar*) atribui o papel temático de Experienciador ao argumento na posição de objeto. Tal fenômeno representa um desafio para o estudo de aquisição de língua, uma vez que parecem apontar para uma irregularidade forte na relação entre as posições sintáticas e as interpretações semânticas (em termos de papéis-temáticos):³

- (6) a. [Mário]_{Exp} teme [fantasmas]. (verbo Experienciador-sujeito)
b. Fantasmas assustam [Mário]_{Exp}. (verbo Experienciador-objeto)

Os predicados psicológicos são tradicionalmente descritos como diádicos, ou seja, selecionam dois argumentos, tendo obrigatoriamente um argumento Experienciador, papel temático que pode ser atribuído ou ao objeto ou ao sujeito, conforme demonstrado em (6).

No que diz respeito ao papel temático atribuído ao outro argumento – não Experienciador –, as propostas são diversas. De todo modo, os pesquisadores assumem a seguinte grade temática como ponto de partida para o estudo dos predicados psicológicos: <Experienciador, Tema>.

³ Segundo Naves (2005), hipóteses de mapeamento – principalmente a UTAH (Baker, 1988) e a UAH (Perlmutter & Postal, 1984) – foram formuladas na tentativa de solucionar esse problema. Porém, a formulação mais, ou menos, rígida dessas hipóteses tem, segundo a autora, pouco poder explicativo, porque, ao preverem uniformidade ou previsibilidade entre as relações sintáticas e semânticas, deixam de explicar certos fenômenos das línguas naturais, como os da alternância.

As propostas de análise para os predicados psicológicos, embora sejam consensuais no que se refere à assimetria das duas subclasses (*temer* e *assustar*) quanto ao mapeamento do Experienciador como sujeito ou objeto, são divergentes em relação ao número de subclasses, no que se refere à assimetria quanto a outras propriedades sintáticas. Apresentamos, na sequência, uma breve discussão sobre a divergência dos autores quanto à divisão dos predicados psicológicos em subclasses e deixamos para o Capítulo 1 as explicações desses autores para a assimetria quanto à construção passiva.

Belletti & Rizzi (1988, 1992) consideram a existência de três classes de verbos psicológicos no italiano: *temere*, *preoccupare* e *piacere* – as quais são diferentes, segundo o que eles propõem, em termos de associação entre a grade temática e a grade de Caso:

(7) a. *Gianni teme l'inflazione.*

‘João teme a inflação’

Grade- θ : <Experienciador, Tema>⁴

Grade de Caso: < -, - >

b. *L'inflazione preoccupa Gianni.*

‘A inflação preocupa João’

Grade- θ : <Experienciador, Tema>

Grade de Caso: < ACC, - >

c. *La musica piace a tutti.*

‘A música agrada a todos’

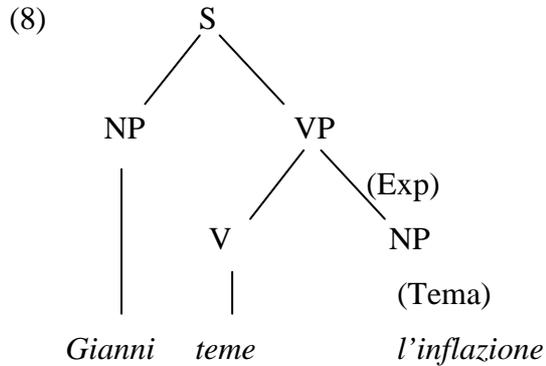
Grade- θ : <Experienciador, Tema>

Grade de Caso: <DAT, - >

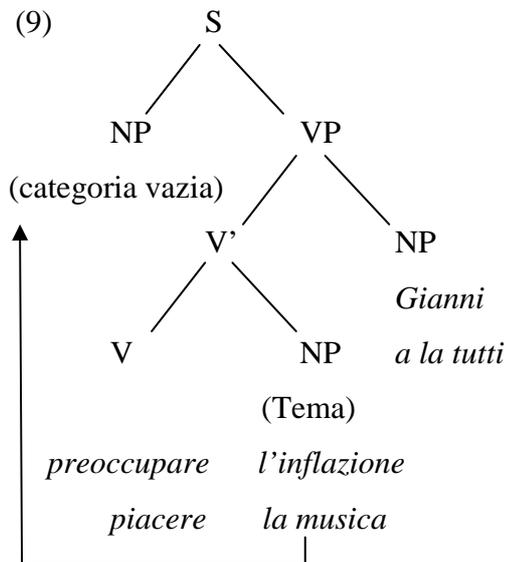
Os dados em (7) revelam que os verbos psicológicos possuem, segundo os autores, uma grade temática uniforme, sendo constituída pelos papéis de Experienciador e Tema. As grades de Caso, por outro lado, são minimamente diferentes no que diz respeito ao parâmetro lexical que envolve a seleção de diferentes Casos inerentes para o Experienciador.

⁴ Belletti & Rizzi fazem uso da sublinha para indicar que o argumento sublinhado é marcado como argumento externo, devendo, logo, ser projetado na posição de sujeito. Quando a sublinha não aparece na grade temática, não há argumento marcado como argumento externo. Nesse caso, os predicados são tratados como inacusativos.

Segundo os autores, os verbos diferenciam-se quanto à forma como são projetados: os verbos da classe de *temere* projetam-se em uma estrutura transitiva simples, como em (8):



Já os verbos das classes de *preoccupare* e de *piacere* são projetados em uma estrutura inacusativa de duplo objeto, com posição de sujeito atemática (representada por uma categoria vazia para a qual é movido o Tema), como em (9):



Os autores afirmam que o Caso inerente do Experienciador (seja Dativo, seja Acusativo) é marcado no léxico e atribuído pelo complexo [V+NP], o que seria a maior regularidade da proposta: na estrutura profunda, V θ -marca diretamente o Tema e o complexo [V+NP] θ -marca composicionalmente o Experienciador.

Pesetsky (1995) defende uma divisão bipartite dos predicados psicológicos (classes de *fear* e *frighten*) com base apenas no mapeamento do Experienciador em

representativos das quatro classes propostas pela autora (os dados foram retirados de Cançado (1995)):⁵

- (i) capacidade do verbo para aceitar construções ergativas:
 - (12) a. *O cachorro (se) teme pelo seu tamanho.
b. A mãe (se) preocupava com a arrogância de Rosa.
c. A multidão (se) acalma com os cassetetes da polícia.
d. José (se) animou com os incentivos de Maria.
José (se) animou com a beleza de Maria.
- (ii) capacidade de aceitar a causativização com a promoção do terceiro argumento (Causa ou Instrumento) para a posição de sujeito:
 - (13) a. *O tamanho teme o cachorro.
b. A arrogância de Rosa preocupava a mãe.
c. Os cassetetes da polícia acalmam a multidão.
d. Os argumentos de Maria animaram José.
A beleza de Maria animou José.
- (iii) capacidade de aceitar a inversão dos dois últimos argumentos:
 - (14) a. José teme o tamanho do cachorro.
b. *Rosa preocupa a arrogância da mãe.
c. *A polícia acalma os cassetetes da multidão.
d. *Maria animou os argumentos de José.
*Maria animou a beleza de José.

⁵ Os julgamentos são de Cançado (1995). Consideramos que um estudo de *corpora* seja necessário para validar os julgamentos da autora, haja vista diversidade de julgamento em alguns testes.

(iv) possibilidade de apresentar apassivização verbal ou adjetiva:⁶

- (15) a. O cachorro é temido por José.
*O cachorro ficava temido com José.
- b. A mãe ficava preocupada com a arrogância de Rosa.
*A mãe foi preocupada por Rosa.
- c. A multidão foi acalmada pela polícia.
*A multidão ficou acalmada com os cassetetes da polícia.
- d. José foi animado por Maria.
José ficou animado com a beleza de Maria.

(v) possibilidade de admitir *pro* arbitrário como sujeito:

- (16) a. Temem o cachorro pelo seu tamanho.
b. *Preocupavam a mãe com aquela arrogância.
c. Acalmaram a multidão com aquelas ameaças.
d. Animaram José com aqueles argumentos.
*Animaram José com aquela beleza.

(vi) possibilidade de permitir orações causativas perifrásticas (com o uso do operador *fazer*):

- (17) a. O amigo faz José temer o cachorro.
b. *O pai fazia Rosa preocupar a mãe.
c. O coronel fez a polícia acalmar a multidão.
d. João fez Maria animar José com seus incentivos.
*João fez Maria animar José com sua beleza.

A tabela a seguir resume o comportamento dos verbos das quatro classes de verbos psicológicos do português propostas por Cançado (1995): 1 – *temer*; 2 – *preocupar*; 3 – *acalmar*; 4 – *animar*.

⁶ Essa propriedade constitui o nosso objeto de estudo.

TEMER	PREOCUPAR	ACALMAR	ANIMAR
Exp. Sujeito	Exp. Objeto	Exp. Objeto	Exp. Objeto
- ligação anafórica	+ ligação anafórica	+ ligação anafórica	+ ligação anafórica
- ergativização	+ ergativização	+ ergativização	+ ergativização
- causativização	+ causativização	+ causativização	+ causativização
+ inversão	- inversão	- inversão	- inversão
+ passiva verbal	+ passiva adjetiva	+ passiva verbal	+ passiva verb./adj.
+ <i>pro</i>	- <i>pro</i>	+ <i>pro</i>	+/- <i>pro</i>
+ causativa perif.	- causativa perif.	+ causativa perif.	+/- causativa perif.

Como pudemos observar nesta seção, o número de subclasses de verbos psicológicos varia conforme o objeto de pesquisa ou as propriedades gramaticais analisadas pelos autores. Salientamos, entretanto, que, de acordo com a nossa exposição inicial do problema de pesquisa desta dissertação – a construção passiva –, podemos falar em três subclasses (*temer/acalmar*, *preocupar* e *animar*), o que fica evidente na tabela retirada do trabalho de Cançado (1995, p. 31). Ressaltamos ainda que essa tripartição também se aplica às propriedades de interpretação de *pro* arbitrário e de formação causativa perifrástica, o que nos faz acreditar que essas três propriedades estejam lidando com os mesmos traços abstratos.

2. Metodologia e constituição do *corpus*

Utilizamos a testagem e a introspecção para analisar o fenômeno da construção passiva com verbos psicológicos. O primeiro procedimento (testagem) tem por finalidade verificar a aceitabilidade de certas construções. Perguntamos a outros falantes se determinada construção é aceitável ou não, confirmando ou não a hipótese.

A segunda maneira de verificar se a hipótese é confirmada ou não é por meio da introspecção dos falantes (no caso, de nós mesmos, pesquisadores). O linguista gera uma sentença e informa se ela é ou não gramatical. É importante observar que as sentenças são geradas em função de comprovar ou não o fenômeno.

Os procedimentos de testagem e introspecção são vantajosos em relação ao levantamento de *corpora* pelo fato de possibilitarem o estudo de determinado fenômeno

sem a necessidade de se examinarem milhares de páginas de transcrições. Uma estrutura pode ser perfeitamente aceitável e não aparecer nem uma vez em um *corpus* de grande extensão. Perini (2006, p. 35-40), com relação à linguística de introspecção, afirma que estudar uma língua é estudar um fenômeno psicológico, não observável, portanto, de modo direto.

É possível, no entanto, que haja muitos casos difíceis de julgar. É frequente que a aceitação varie de falante para falante. E a essa desvantagem soma-se a possibilidade de haver interferência da subjetividade do pesquisador, cujos julgamentos podem ser influenciados por seu dialeto ou pela proximidade com os dados de pesquisa.

Lobato (1986, p. 29-31) apresenta dois argumentos para justificar o uso das intuições. O primeiro argumento apoia-se no fato de as frases no discurso serem incompletas, havendo interferências de toda sorte (hesitações, cortes etc.), de forma que a objetividade do *corpus* é relativa. O segundo argumento baseia-se na noção de que os dados são mais fáceis de serem obtidos. Além disso, o uso das intuições fornece informações que podem não ser depreendidas de um *corpus*. Essas informações originam-se de relações entre sequências da língua (paráfrases, negações, traduções etc.), como no caso da relação entre ativa e passiva em (18). Os falantes/ouvintes do português são capazes de determinar que a sentença (18b) é a contraparte passiva da sentença (18a). Porém, segundo Lobato (1986), um estudo que faça uso exclusivo de um *corpus* tem limitação para determinar esse tipo de relacionamento entre as sequências da língua.

- (18) a. José Paulo comeu o bolo de chocolate.
b. O bolo de chocolate foi comido por José Paulo.

Esta pesquisa utiliza, pelas razões expostas, a testagem e a introspecção como instrumentos para gerar e coligar os dados que compõem esta dissertação. Trabalhamos predominantemente com os 300 verbos psicológicos que constituem o *corpus* da pesquisa de Cançado (1995), selecionando os dados da autora referentes às construções passivas verbal e adjetiva, pois em grande parte não discordamos dos julgamentos da autora. Apesar disso, não excluimos – é importante observar – dados analisados em outros trabalhos.⁷

⁷ A lista com os 300 verbos psicológicos e as construções passivas verbais e adjetivas com verbos psicológicos propostas por Cançado (1995) podem ser encontradas no apêndice desta dissertação.

Consideramos interessante compor um quadro quantitativo das subclasses de verbos psicológicos propostas em Cançado (1995), com relação ao comportamento na construção passiva. Não é nossa pretensão, neste trabalho, extrair formalizações teóricas a partir desse levantamento. Antes, trata-se apenas de organizar os dados para melhor visualizá-los. Os verbos analisados foram separados a partir da seguinte organização:

Verbos psicológicos em construções passivas

LEGENDA	COLUNA 1		COLUNA 2	COLUNA 3
Comportamento em construção passiva	+ Verbal		+ Adjetiva	+ Adjetiva + Verbal
Verbo prototípico (posição sintática do Exp.)	<i>Temer</i> (Exp. Suj.)	<i>Acalmar</i> (Exp. Obj.)	<i>Preocupar</i> (Exp. Obj.)	<i>Animar</i> (Exp. Obj.)

O nosso levantamento demonstrou que há um predomínio de verbos da classe de *preocupar* (Coluna 2), que autorizam apenas a passiva adjetiva – 133 verbos; 45% do *corpus*.⁸ As duas outras classes apresentam certo equilíbrio: 84 verbos da classe de *temer/acalmar* (Coluna 1), que autorizam apenas a passiva verbal, sendo feita a distinção entre os verbos que mapeiam o Experienciador na posição de sujeito (classe de *temer*) e os que mapeiam o Experienciador na posição de objeto (classe de *acalmar*); e 83 verbos da classe de *animar* (Coluna 3), que autorizam ambas as passivas (verbal e adjetiva).⁹

3. Objetivos, hipóteses e estrutura da dissertação

O objetivo geral deste trabalho é identificar as propriedades sintático-semânticas das construções passivas (verbais e adjetivas) com verbos psicológicos.

Os objetivos específicos são:

⁸ Exemplos de verbos da classe de *preocupar* são: *abalar, abismar, aborrecer, acabrunhar, acanhar, admirar, afetar, afligir, agitar e agoniar*.

⁹ Exemplos de verbos da classe de *temer* são: *abominar, admirar, adorar, aguentar, almejar, amar, ambicionar, apreciar, aturar e cobiçar*. Da classe de *acalmar*: *abrandar, agradar, alegrar, ameaçar, apaziguar, aplacar, conquistar, convencer e derrotar*. E da classe de *animar*: *acordar, alarmar, aliviar, amedrontar, apavorar, assombrar, assustar, atemorizar e aterrorizar*.

(i) Identificar e analisar as propriedades das subclasses de verbos psicológicos que: (a) licenciam apenas a construção de passiva verbal; (b) licenciam apenas a construção de passiva adjetiva; e (c) licenciam ambas as construções, passiva verbal e adjetiva;

(ii) Verificar o papel sintático-semântico dos auxiliares *ser* e *ficar* e das preposições *por* e *com* nas construções passivas com verbos psicológicos;

(iii) Propor, a partir das propostas de Boeckx (1998), Collins (2005) e Alexiadou (2005) e das propriedades sintáticas e semânticas dos verbos psicológicos, representações sintáticas para a passiva verbal e a passiva adjetiva.

Procuramos, a partir da noção de composicionalidade, desenvolver a hipótese de que traços abstratos relacionados aos verbos auxiliares *ser* e *ficar*, e das preposições *por* e *com*, bem como à formação verbo mais forma participial, determinam diferenças estruturais entre as passivas adjetivas, que são de natureza menos causativa, atribuindo características mais nominais ao processo verbal, o qual é interpretado como estativo, e as passivas verbais, que, por sua vez, são compatíveis com a natureza causativa do processo verbal, o qual é interpretado como eventivo. Para desenvolver essa hipótese, tomaremos como referências principais os trabalhos de Boeckx (1998), Collins (2005) e Alexiadou (2005).

A dissertação está estruturada da seguinte maneira: no Capítulo 1, apresentamos os fundamentos teóricos da gramática gerativa e as principais análises sobre a construção passiva verbal e adjetiva no modelo teórico de Regência e Ligação (*Government & Binding* (Chomsky, 1981)), focalizando, posteriormente, as principais análises sobre a construção passiva com verbos psicológicos. No Capítulo 2, abordamos as propostas inseridas no modelo do Programa Minimalista para a construção passiva verbal e adjetiva, procurando salientar propriedades estruturais dessas construções que possam orientar a elaboração de uma análise para o comportamento dos verbos psicológicos. No Capítulo 3, apresentamos a nossa proposta de análise das passivas com verbos psicológicos. Por fim, registramos nossas Considerações Finais sobre o tema.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O modelo teórico adotado neste estudo é o da Gramática Gerativa – proposta por Noam Chomsky (1957) –, a qual assume que os seres humanos possuem uma faculdade da linguagem – comum a toda a espécie humana. Essa faculdade da linguagem – a qual é um módulo da mente/cérebro – corresponde ao conhecimento específico da espécie para dominar e usar uma língua natural e representa um dispositivo de aquisição de língua. O processo de aquisição da língua, nessa teoria, ocorre por meio da interação entre o estágio inicial da faculdade da linguagem (Gramática Universal) e a experiência, cuja função é a de fornecer os dados da língua a ser adquirida pelo falante.

Duas questões têm sido particularmente importantes para a Teoria Gerativa: (a) o que é o conhecimento linguístico?; e (b) como esse conhecimento é adquirido?. A resposta à primeira questão revela que o conhecimento linguístico intuitivo de cada falante é de grande riqueza e complexidade. É sabido que todo falante domina implicitamente um sistema detalhado de procedimentos formais de organização e interpretação das expressões linguísticas.

Porém, algumas perguntas surgem em relação ao processo de aquisição: (i) como esse rico conhecimento é adquirido pela criança?; e (ii) qual é a relação existente entre os “dados primários” a que a criança tem acesso na infância (processo de aquisição) e o sistema final caracterizador da competência linguística do adulto (em que estão incluídos os juízos de gramaticalidade e as intuições fonológicas, sintáticas e semânticas)? O estudo do desempenho linguístico do adulto evidencia que existem diversas situações de “pobreza de estímulo”: os dados linguísticos disponíveis para a criança (finitos) não correspondem à capacidade de se produzir um número infinito de expressões (recursividade) – ou seja, há um confronto entre a complexidade do *output* e o caráter limitado do *input*. Do mesmo modo, observa-se que o número de dados a que o falante é exposto em fase de aquisição é finito, que há baixa frequência de ocorrência de determinadas expressões e que também há um truncamento natural dos dados recebidos. Segundo Belletti & Rizzi (2006, p. 9):

Como a experiência é pobre demais para motivar o conhecimento gramatical que os falantes adultos invariavelmente possuem, somos levados a presumir que partes específicas do conhecimento gramatical desenvolvem-se devido a alguma pressão existente no interior do sistema cognitivo da criança.

Desde a infância a criança é capaz de gerar e reconhecer diversas estruturas. Além disso, o processo de aquisição é muito rápido e eficiente. Esses elementos, portanto, contribuem para evidenciar a existência de uma Gramática Universal, responsável por permitir o sucesso no processo de aquisição e o amplo conhecimento da língua pelo falante em sua mais tenra idade.

Em relação à questão (b), como o conhecimento é adquirido?, a Teoria Gerativa defende que o estado cognitivo inicial não é uma tábua rasa. O sistema cognitivo, pelo contrário, é muito estruturado. Em termos da perspectiva cognitiva, a Gramática Universal expressa os universais biologicamente necessários, as propriedades que são universais porque são determinadas por nossa faculdade inata de linguagem, um componente do patrimônio biológico da espécie.

A Gramática Universal é um sistema de princípios e de parâmetros. O estágio cognitivo inicial é concebido como um conjunto de princípios – determinados geneticamente –, os quais são universais. Ao lado dos princípios há um conjunto de parâmetros, os quais são propriedades abertas a serem determinadas no processo de aquisição. No decorrer desse processo, valores são fixados – a partir da experiência da criança em sua comunidade linguística – e as possibilidades paramétricas estabilizadas (os valores são positivos ou negativos). Após todos os parâmetros terem sido fixados, a criança adquire o que se denomina “gramática nuclear” (em inglês, *Core Grammar*).

Desse modo, uma gramática particular é imediatamente derivada da Gramática Universal, por meio da fixação dos parâmetros em um determinado modo. Vejamos o caso da passiva, que ilustra pontos importantes da teoria.

A construção passiva é constituída de operações mais elementares, que também são encontradas em outros processos. A morfologia passiva, por um lado, intercepta a atribuição do papel temático externo (Agente, no exemplo em (1)) dado à posição do sujeito e opcionalmente o desvia para a *by-phrase*, como na representação em (1a). Ao destematizar o sujeito, esse processo, por consequência, impede a atribuição de Caso ao objeto, o que foi descrito teoricamente por meio da Generalização de Burzio. Desse

modo, o objeto desloca-se para a posição de sujeito, a fim de receber Caso, como representado em (1b):

- (1) a. ___ was washed the car (by Bill)
' ___ foi lavado o carro (por Bill)'
b. The car was washed ___ (by Bill)
'O carro foi lavado ___ (por Bill)'

Esses processos não são específicos da passiva. Segundo Belletti & Rizzi (2006, p. 17-18), a interceptação do papel temático externo e o desvio opcional para a frase *by-phrase* também são encontrados, por exemplo, em uma das construções causativas em línguas românicas (com o Caso atribuído ao objeto pelo predicado complexo *faire+V* em (2)). Também verificamos o deslocamento do objeto para uma posição não-temática de sujeito com verbos não-acusativos, verbos que não atribuem um papel temático ao sujeito como propriedade léxica e são marcados morfologicamente em algumas línguas românicas e germânicas, ou reconhecidos por restrições morfossintáticas com a seleção do auxiliar *be*, como em (3). Os dados (2) e (3) são do francês (Perlmutter, 1978; Burzio, 1986):

- (2) *Jean a fait laver la voiture (par Pierre).*
'Jean fez o carro ser lavado (por Pierre)'
(3) *Jean est parti ___.*
'Jean partiu'

A construção passiva é, desse modo, uma soma de propriedades mais elementares da Gramática Universal – morfologia, operação em grades temáticas e deslocamento – que possuem certo grau de autonomia modular. Na versão teórica de Regência e Ligação (*Government & Binding* – doravante GB – (Chomsky, 1981)), os diversos módulos da gramática receberam o tratamento de teoria – como a Teoria X-barra, a Teoria Temática, a Teoria do Caso – cujos princípios desenvolveremos brevemente a seguir.

(i) A Teoria X-barra

A partir do pressuposto de que os núcleos lexicais possuem relações internas específicas com seus argumentos, desenvolveu-se, no gerativismo, uma teoria de representação do modo como os constituintes se hierarquizam para formar uma sentença.

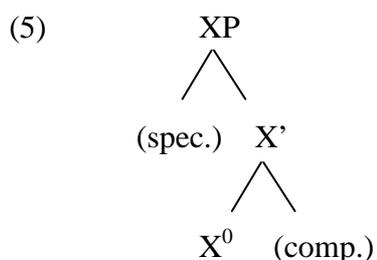
O *Princípio da Endocentricidade* é a noção central da teoria X-barra. Em Raposo (1998), esse princípio é enunciado da seguinte maneira:

(4) *Princípio da Endocentricidade:*

- (i) Uma categoria sintagmática XP tem obrigatoriamente um núcleo pertencente a uma categoria lexical principal;
- (ii) para uma dada categoria sintagmática XP, o núcleo pertence à categoria lexical correspondente X.

Esse princípio enuncia que em verdade há poucas diferenças entre uma categoria sintagmática XP e o seu núcleo lexical X. Raposo (1998) afirma que a distinção entre categoria sintagmática e categoria lexical é agora, na teoria X-barra, unicamente uma função do seu nível de ocorrência na estrutura sintática: as categorias sintagmáticas são categorias de nível 1, ao passo que as categorias lexicais são de nível 0. Há, desse modo, uma diferença de nível hierárquico.

Na projeção intermediária (X') é previsto que o núcleo pode estar relacionado com um complemento (compl) e na projeção máxima (XP) o elemento [X⁰ +compl] pode estar relacionado com um especificador (spec). A representação em árvore da projeção X-barra é esta:



Além dos núcleos lexicais, há também os núcleos funcionais, os quais, por hipótese teórica, se submetem ao *Princípio da Endocentricidade* e projetam a mesma

estrutura representada em (5). Os núcleos funcionais se distinguem dos núcleos lexicais pelo fato de estes serem capazes de s-selecionar argumentos (selecionar semanticamente seus argumentos), ao passo que aqueles não são capazes de s-selecionar argumentos. A relação de um núcleo funcional com o seu complemento é de c-seleção, ou seja, ele seleciona apenas a categoria à qual o complemento deve pertencer. Outro ponto importante a ser destacado é que os núcleos funcionais têm função eminentemente gramatical e em diversas línguas podem se apresentar como afixos (como a flexão verbal) ou podem ser nulos. Considera-se que a variação translinguística seja uma variação em termos das propriedades dos núcleos funcionais.

(ii) A Teoria Temática

Em cada oração existe um sistema de relações semânticas entre o predicador (em nível de oração, o verbo) e os seus argumentos. Esse sistema de relações depende do predicador específico e das funções gramaticais desempenhadas pelos argumentos (argumento externo e argumento interno). Tal rede de relações semânticas de uma oração é denominada *estrutura* ou *grade temática*. Na Teoria Gerativa, diz-se que um predicador *atribui* uma função temática a cada um de seus argumentos. Essa propriedade dos predicadores é denominada *seleção semântica* (*seleção-s*).

Uma noção importante na Teoria Temática (também representada como Teoria θ) é a *grade temática* (grade- θ), a qual especifica o número e a função- θ dos argumentos de um predicador. A representação dos argumentos na estrutura sintática é garantida pelo *Princípio de Projeção*, enunciado abaixo, conforme Raposo (1998, p. 294)

(6) *Princípio de Projeção*

As representações de cada nível sintático (estrutura-D, estrutura-S e LF) são projetadas do léxico, isto é, observam as propriedades temáticas e de subcategorização dos itens lexicais.¹⁰

A ideia fundamental desse princípio é a de que as estruturas sintáticas são determinadas, diretamente, pela estrutura argumental dos itens lexicais.

¹⁰ Estrutura-D, Estrutura-S e LF são níveis de representação propostos no âmbito do modelo teórico de Princípios & Parâmetros. No modelo atual da teoria – Programa Minimalista –, a existência da Estrutura-D e da Estrutura-S como níveis independentes é refutada.

Chomsky (1981) propõe uma condição que possui a finalidade de assegurar que as posições sintáticas projetadas por meio do princípio de projeção sejam preenchidas por argumentos, ou seja, todos os argumentos recebem uma função- θ e todas as funções- θ são atribuídas. Essa condição, denominada *Critério Temático (Critério- θ)*, está assim enunciada em Raposo (1998, p. 303):

(7) *Critério Temático (Critério- θ)*

(i) Cada argumento numa representação sintática é suporte de uma e uma só função- θ .

(ii) Cada função- θ numa estrutura argumental é atribuída a um e um só argumento numa representação sintática.

(iii) Teoria do Caso

Em línguas de sistema de caso morfológico (como o latim e o russo), o Caso abstrato é uma marca morfológica dos DPs que tem por finalidade identificar a função gramatical e/ou a função semântica. Chomsky (1981) sugere que a marcação casual dos DPs é um fenômeno universal, não sendo exclusivo das línguas que possuem marcas casuais morfológicas. A marcação casual (Caso abstrato) é um fenômeno sintático, podendo ou não receber uma manifestação morfológica.

Segundo essa Teoria, a atribuição canônica de Caso se dá sob regência, conforme especificado em (8), e o princípio que regula essa atribuição, o *Filtro de Caso*, é formulado como em (9), e prediz que um DP não marcado para Caso seja considerado agramatical:

- (8)
- a. O núcleo lexical [-N, +V], o verbo, atribui Caso ACUSATIVO ao seu complemento;
 - b. O núcleo [-N, -V], a preposição, atribui Caso OBLÍQUO ao seu complemento;
 - c. O núcleo funcional I atribui Caso NOMINATIVO ao sintagma na posição de especificador de IP.

(9) *Filtro de Caso*¹¹

* DP com uma matriz fonológica sem Caso.

(iv) Programa Minimalista

O modelo atual da teoria, Programa Minimalista, surge após os desenvolvimentos bem-sucedidos dos estudos gerativistas sob enfoque do modelo de GB. A proposta central é eliminar todo o material teórico e tecnológico que não seja essencial para a descrição e a explicação dos fatos da linguagem. Nesse sentido, apenas o essencial deve ser utilizado – “Lâmina de Occam”, Princípio da Economia (Hornstein, Nunes & Grohmann, 2005).

O Minimalismo enuncia que uma língua L é formada por um sistema computacional (C_{HL}) e por um léxico. O léxico é constituído por itens lexicais formados por traços abstratos de três tipos: fonológicos, semânticos e formais. Os traços formais constituem as expressões linguísticas e são propriedades abstratas relacionadas às representações sintáticas básicas.

Os traços formais são subdivididos da seguinte maneira: traços formais interpretáveis (legíveis em forma lógica ou em forma fonética); e traços formais ininterpretáveis (não legíveis nas interfaces, como o Caso estrutural, por exemplo). Durante a derivação os traços formais ininterpretáveis devem ser apagados, o que se dá por meio de uma relação de checagem em uma configuração sintática específica.

Os refinamentos advindos da reflexão do programa Minimalista – em destaque as discussões sobre traços formais – são úteis para a reflexão sobre o fenômeno das passivas com verbos psicológicos, principalmente quando apresentamos as propostas de Boeckx (1998) e de Collins (2005) para a passiva verbal e de Alexiadou (2005) para a passiva adjetiva.

¹¹ O Programa Minimalista abandona a ideia de haverem princípios específicos para cada módulo da teoria (como o Critério Temático e o Filtro de Caso), em favor da concepção de que o sistema computacional é restringido por condições de legibilidade nas interfaces fonológica (*Phonological Form* – PF) e semântica (*Logical Form* – LF). Nesse sentido, ocorre uma reformulação no tratamento da Teoria do Caso: explora-se a possibilidade de todo Caso estrutural ser checado sob uma configuração especificador-núcleo, o que ficou conhecido como Teoria da Checagem.

1.1 A construção passiva verbal na teoria de Regência e Ligação (GB)

Nesta seção, apresentamos as análises de Jaeggli (1986) e de Baker, Johnson & Roberts (1989) sobre a construção passiva verbal, elaboradas no modelo –da GB. Para melhor compreender as propostas desses autores, abordamos, antes, o trabalho de Perlmutter & Postal (1984), inscrito no quadro teórico da Gramática Relacional.

As propostas de Perlmutter & Postal (1984), Jaeggli (1986) e Baker, Johnson & Roberts (1989) são referência para o estudo da passiva verbal e representam aqui um estado da arte sobre a construção passiva na teoria gramatical, por explicitarem as propriedades desse tipo de construção.

Perlmutter & Postal (1984) formulam a Hipótese do Alinhamento Universal – UAH (*Universal Alignment Hypothesis*), já mencionada na Introdução deste trabalho, a qual prediz que os papéis semânticos associados à grade temática de um predicador são mapeados em uma relação gramatical inicial. As relações gramaticais iniciais estão sujeitas a uma hierarquia, assim definida por Perlmutter & Postal (1984, p. 81):

- (10) Hierarquia das Relações Gramaticais
- | | |
|------------|---|
| Mais alta | 1 |
| | 2 |
| | 3 |
| Mais baixa | Relações não-terminais (<i>chômeur</i> ¹² , relações oblíquas etc.) |

Regras de Alçamento, definidas como regras que promovem – em uma oração – um sintagma nominal de uma categoria gramatical para outra, mais alta na Hierarquia Relacional, explicam o fato de uma relação gramatical inicial ser representada por uma relação gramatical final distinta. Perlmutter & Postal (1984) afirmam que um mesmo SN pode sofrer mais de uma operação de alçamento.

Para explicar como se forma a passiva nessa teoria, os dados em (11) foram utilizados pelos autores:

- (11) a. *Melvin* was tackled by the lunatic.
'Melvin foi abordado pelo lunático.'

¹² Sintagma que se torna inativo para o alçamento.

b. Harriet gave *Ted* a new bowling ball.

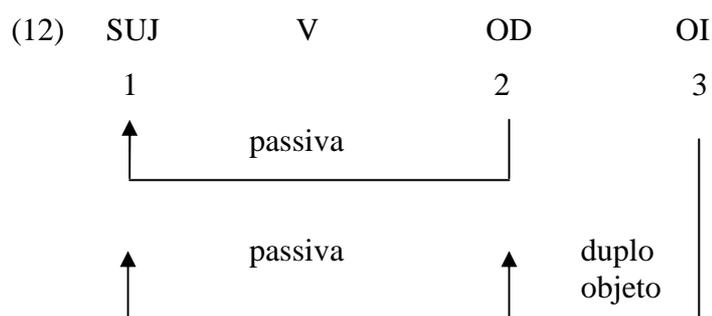
‘Harriet deu a Ted uma nova bola de boliche.’

c. *Ted* was given a new bowling ball by Harriet.

‘A Ted foi dada uma nova bola de boliche por Harriet.’

Na sentença em (11a), *Melvin* foi alçado da posição 2 (objeto direto) na hierarquia relacional para a posição 1 (sujeito). Esse alçamento resulta em uma construção passiva. No dado (11b), *Ted* sofreu alçamento da posição 3 (objeto indireto) para a posição 2 (objeto direto) – fato que dá origem a uma construção de duplo objeto. Já em (11c), *Ted*, que já tinha sido alçado da posição 3 para a posição 2, sofre alçamento para a posição 1 (de sujeito) – formando a passiva a partir de uma construção de duplo objeto. O dado (11c) comprova que um mesmo SN pode sofrer mais de uma operação de alçamento.

Vejamos como as regras de alçamento ilustradas em (11) podem ser visualizadas em esquema:



A hipótese desenvolvida pelos autores é a de que há uma restrição universal envolvendo o sintagma alçado. A proposta é enunciada pela Lei da Exclusividade do Alçamento para a Posição 1 – 1-AEX (*1-Advancement Exclusiveness Law*):

(13) 1-AEX: o conjunto de alçamentos para a posição 1 em uma oração simples contém no máximo um termo.

Um dos corolários da Lei da Exclusividade do Alçamento para a Posição 1 (1-AEX) é o de que, quando um dos argumentos já tiver sido alçado para a posição 1, a interação com a passiva é impossível (porque viola a 1-AEX). Isso explica por que não é possível haver – em qualquer língua – múltipla passivação em uma mesma oração,

pois quando um dos argumentos já tiver sido alçado à posição 1, não poderá mais haver alçamento de qualquer argumento para tal posição (cf. (14)), e por que verbos inacusativos não podem ser apassivizados, o que representa uma interação entre a 1-AEX e a Hipótese da Inacusatividade. Nos predicados inacusativos, um sintagma na posição 2 (argumento interno do verbo) é alçado para a posição 1 (a posição de sujeito sentencial). De acordo com o que prediz a 1-AEX, nenhum outro alçamento para a posição 1 é possível.

- (14) a. *Attention was paid to Betty by Mark.*
b. * *Betty was paid to Mark by attention.*
c. * *Betty was been paid to by Mark by attention.*

Em síntese, para Perlmutter & Postal (1984), a passiva equivale a uma regra de alçamento de um sintagma nominal – o qual está em uma posição mais baixa – para a posição 1 da hierarquia relacional, mais alta. Há uma regra que restringe esse alçamento, a 1-AEX, segundo a qual só pode ocorrer um alçamento para a posição 1 em cada oração simples.

1.1.1 Jaeggli (1986)

Para Jaeggli (1986), a análise da construção passiva é o exemplo paradigmático das inovações mais recentes (à época em que o autor escreve) na teoria sintática: a mudança da análise por meio de regras transformacionais de línguas particulares (Chomsky, 1957) para a análise em termos de princípios gerais resultantes da relação entre os módulos da gramática (Chomsky, 1981). No caso da construção passiva, a proposta de Perlmutter & Postal (1984) incluía, como vimos, um sistema de regras de alçamento, que não contemplava questões importantes como a da atribuição de Caso aos argumentos. Essas questões se tornaram relevantes a partir do modelo de GB. – não trabalhados na reflexão de Perlmutter & Postal (1984).

O autor centra a sua atenção sobre as passivas na interação entre processos sintáticos e processos morfológicos. Segundo Jaeggli (1986), construções passivas são simplesmente o resultado da interação entre certas operações morfológicas e sintáticas, as quais são as únicas a possuírem validade teórica.

Jaeggli (1986) parte da análise de Chomsky (1981, p. 124), a qual prediz que a estrutura passiva em (15) apresenta duas propriedades, explicitadas em (16):

- (15) The rat was killed by the cat.
- (16) a. [NP, S] *does not receive a θ -role*.
b. [NP, VP] *does not receive Case within VP*.

Assumindo a proposição em (16b) como correta, o autor levanta a seguinte questão: qual mecanismo prevê a atribuição do papel- θ externo do verbo para a posição [NP, S] em uma oração passiva? Para o linguista, a resposta a essa pergunta envolve o papel desempenhado pelo sufixo passivo *-en*, o qual tem função semelhante a um “recipiente” do papel- θ externo do predicado.¹³

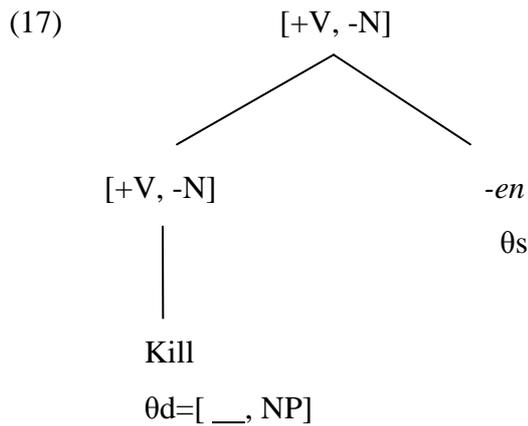
Jaeggli (1986) propõe que o papel- θ externo do verbo é “absorvido” pela morfologia passiva. O verbo, desse modo, não pode atribuir Caso acusativo ao seu complemento, fato que resulta no movimento do argumento interno para a posição de sujeito gramatical, em que esse sintagma recebe Caso nominativo. Tal formalização está diretamente associada à Generalização de Burzio, cujo pressuposto é o de que há uma correlação entre a atribuição de papel temático ao argumento externo e a atribuição de Caso acusativo ao argumento interno (Burzio, 1981).

A atribuição do papel- θ externo ao sufixo passivo *-en* só pode ocorrer se o argumento externo for mapeado na estrutura sintática do predicado, e só ocorre em contexto de regência.¹⁴ Jaeggli propõe, então, que o sufixo passivo deve ser regido pelo verbo, em uma relação de c-comando. Destarte, o sufixo *-en* é capaz de absorver o papel- θ do verbo porque é regido por ele, como em (17):¹⁵

¹³ Em português, o sufixo passivo corresponde à forma *-do* e seus alomorfes.

¹⁴ Se um elemento X deve absorver um traço de um elemento Y, X tem de estar dentro do domínio de atribuição do traço de Y (Jaeggli, 1986, p. 592).

¹⁵ Dada a indeterminação em torno da natureza da atribuição de papéis- θ particulares a um argumento particular, Jaeggli (1986) utiliza os seguintes símbolos para representar os papéis- θ : θ_s para o papel- θ atribuído ao *sujeito* do predicado; θ_d para o papel- θ atribuído ao *objeto direto* do predicado; e θ_l para o locativo.



Jaeggli (1986) afirma que a estipulação desenvolvida no parágrafo precedente é empiricamente motivada pelo fato de a morfologia passiva aparecer apenas com verbos que atribuem papel- θ externo (não é possível, desse modo, passivar verbos inacusativos). Nesse ponto, o autor faz remissão ao trabalho de Perlmutter (1978, *apud* Jaeggli (1986)) e de Perlmutter & Postal (1984).

Jaeggli (1986) afirma que a preposição *by* não é capaz de atribuir, por si só, papel- θ . Os exemplos abaixo mostram que o papel- θ associado ao complemento da preposição *by* é atribuído pelo verbo:

- (18)
- a. *The book was written by John.*
 - b. *It was believed by everybody that Mary was a thief.*
 - c. *Danger was sensed by John.*
 - d. *A black smoke was emitted by the radiator.*
 - e. *That professor is feared by all students.*
 - f. *Mary was respected by John.*
 - g. *A copy of Guns, Germs, and Steel has now been received by each member of the incoming class.*
 - h. *Ted was bitten by the lovebug.*
 - i. *I was told that by a little bird.*

Em (18a), John é agente. Em (18b-g), o papel- θ do DP pós-verbal varia de acordo com o verbo (agente, fonte, experienciador, meta). Os exemplos (18h,i) mostram que até mesmo expressões idiomáticas podem aparecer em *by*-phrases. Com isso, o autor conclui que a preposição *by* usada na passiva é uma preposição *dummy*.

Por fim, com base em fatos como o de (18), Jaeggli (1986) explica a atribuição de papel- θ na passiva da seguinte maneira:

- I. o morfema passivo *-en* absorve o papel- θ externo do verbo;
- II. o sufixo passivo atribui ao PP encabeçado pela preposição *by* o papel- θ externo (transmissão de papel- θ);
- III. o papel- θ é atribuído à preposição *by* por percolação, e *by* atribui papel- θ ao seu DP complemento.

Em essência, a proposta de Jaeggli é a de que as construções passivas são resultados da absorção do papel temático externo do verbo pelo sufixo passivo. Uma vez que isso ocorra, o verbo fica impedido de atribuir Caso acusativo ao argumento interno, que se move para a posição de sujeito gramatical com o objetivo de receber Caso nominativo.

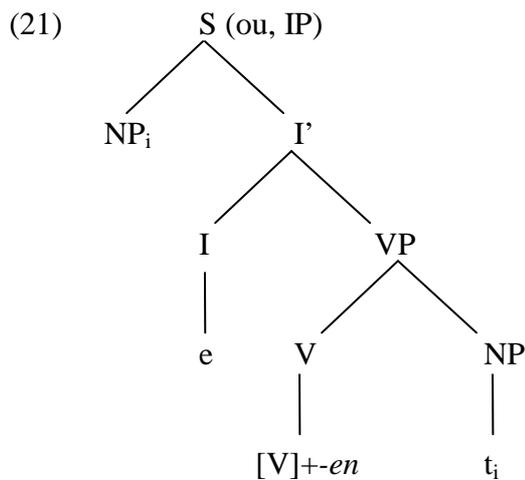
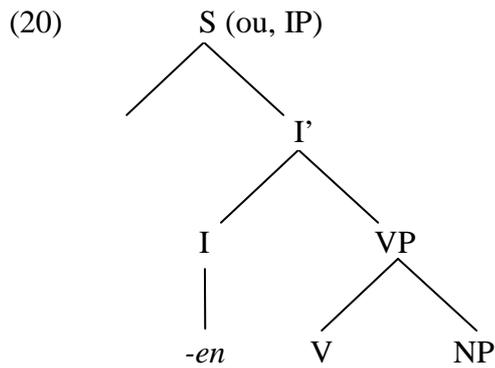
Jaeggli avança em relação à proposta de Perlmutter & Postal (1984) por analisar as construções passivas sem o recurso das regras de transformação vigentes antes das propostas no modelo de GB.

1.1.2 Baker, Johnson & Roberts (1989)

O objetivo do trabalho de Baker, Johnson e Roberts (1989) é desenvolver uma teoria sobre a construção passiva a partir da qual pretendem esclarecer o que está em jogo nas intuições de Jaeggli (1986), sobre a “absorção” de Caso pelo morfema passivo, e também reinterpretar a 1-AEX de Perlmutter & Postal (1984). A proposta central é a seguinte:

- (19) The passive morpheme (*-en*) is an argument.

Para Baker, Johnson e Roberts (1989), o morfema *-en* é sintaticamente um clítico, mas fonologicamente um afixo. O *-en*, segundo os autores, é gerado em Infl e posteriormente afixado ao verbo, de maneira que a estrutura profunda e a estrutura superficial de uma construção passiva são representadas, respectivamente, como em (20) e (21):



Por *-en* ser um argumento, ele deve ser marcado tematicamente na estrutura profunda. Essa imposição acarreta afirmar que Infl é uma posição θ -marcada. De acordo com Baker, Johnson & Roberts (1989), o verbo atribui a esse argumento o papel temático externo, disponível em sua grade temática – o papel do sujeito lógico do verbo. Desse modo, atende-se à exigência formulada em termos do Critério- θ .

Complementarmente, como um argumento – e tendo recebido papel- θ , o morfema passivo *-en* deve receber Caso na estrutura superficial, do mesmo modo que o argumento interno do verbo (o NP argumento lógico). Uma vez o verbo tendo atribuído Caso ao argumento passivo, torna-se, conseqüentemente, incapaz de atribuir Caso ao NP objeto lógico. Esse fato resulta no movimento do argumento interno para a posição de especificador de IP – posição marcada para Caso. Com isso atende-se ao requisito do Filtro de Caso. Para Baker, Johnson & Roberts (1989), esse deve ser o tratamento a ser dado à intuição de Jaeggli (1986) quanto à absorção de Caso pela morfologia passiva.

A partir dessa proposta os autores buscam explicar quatro propriedades das passivas:

- I. O fato de o sujeito lógico não ser realizado como um NP em passivas (porque teria de receber Caso, deixando o objeto lógico desprovido de Caso) e ocorrer de forma marcada (por meio de *by-phrase*).
- II. O fato de um “argumento implícito” ser postulado em passivas, que admitem advérbios orientados para o sujeito e ocorrem com orações infinitivas de controle são gramaticais na passiva.
- III. O fato de o sujeito ser uma posição não temática (spec, IP), permitindo movimento de NPs para essa posição, uma vez que o VP só pode atribuir um papel temático externo (o qual é atribuído a *-en*).
- IV. O fato de apenas um argumento poder adquirir estatuto de sujeito na derivação de uma dada oração (1-AEX).

Os autores propõem repensar (reformular) o princípio 1-AEX em termos do Critério- θ . Tratando *-en* como um argumento, que recebe o papel- θ externo, esse papel não pode mais ser atribuído a um outro argumento que venha a ocupar a posição de sujeito na passiva.

Em resumo, Baker, Johnson & Roberts (1989) propõem que o morfema passivo *-en* é um argumento, o qual recebe o papel- θ externo previsto na grade temática do verbo. A proposta dos linguistas representa uma maneira de tratar – em termos das condições de boa-formação sobre argumentos (Princípio de Projeção, Critério- θ e Filtro de Caso) – a ideia de absorção do papel temático de Jaeggli (1986) e das consequências da 1-AEX de Perlmutter & Postal (1984).

1.2 A construção passiva adjetiva na teoria de Regência e Ligação (GB)

Segundo Levin & Rappaport-Hovav (1986), a distinção entre a passiva verbal e a passiva adjetiva foi proposta, nos estudos gerativos, a partir dos trabalhos de Wasow (1977), Williams (1981), Chomsky (1981) e Bresnan (1982). A percepção comum a esses estudos, segundo as autoras, é a de que os participios passivos têm propriedades adjetivais. Essas propriedades se manifestam em contextos morfossintáticos nos quais ocorrem tipicamente adjetivos, tais como: a prefixação do morfema de negação *i-/in-*; a ocorrência com verbos que selecionam complemento adjetival, mas não verbal; a ocorrência em posição atributiva; a ocorrência com modificadores de grau.

Levin & Rappaport-Hovav (1986), após apresentarem os diagnósticos e os contextos para identificar as passivas (verbais ou adjetivas), propõem-se a formular uma regra de Formação da Passiva Adjetival (*Adjectival Passive Formation (APF)*), a qual relaciona sintagmas adjetivos encabeçados por participípios passivos adjetivos às suas contrapartes verbais.

De acordo com Levin & Rappaport-Hovav (1986), a postulação de uma regra de formação da passiva adjetiva reflete a preocupação em atender as seguintes exigências: (i) ela deve ser descritivamente adequada para explicar as generalizações concernentes a passivas adjetivas possíveis e impossíveis; (ii) deve ter uma forma consistente com os princípios universais que restringem a forma dos processos morfológicos; e (iii) deve ter valor explicativo, de modo a esclarecer por que os participípios passivos adjetivos estão associados ao mesmo afixo dos participípios passivos verbais (-*ed*). Levin & Rappaport-Hovav (1986) defendem que tal análise deve, principalmente, proporcionar uma conexão entre a aplicação da regra e a mudança categorial.

As autoras lembram que trabalhos anteriores – no quadro da GB (Borer (1984) e Williams (1981)) – e análises como a de Bresnan (1982) e a de Wasow (1977, 1980) – em outros quadros teóricos, estipulam as seguintes propriedades como características da formação de passiva adjetival (Levin & Rappaport-Hovav (1986), p. 624):

(22) *Propriedades da APF*

- a. Afixação do morfema passivo -*ed*
- b. Mudança de categoria: [+V, -N] → [+V,+N]
- c. Supressão do papel- θ externo do verbo de base
- d. Externalização de um papel- θ interno do verbo de base
- e. Absorção de Caso
- f. Eliminação da posição [NP, VP]

A proposta de Levin & Rappaport-Hovav (1986) é fazer uma releitura desses estudos prévios e formular uma regra que envolva um número reduzido de estipulações. A análise de Levin & Rappaport-Hovav (1986) estabelece que um participípio passivo adjetivo é criado a partir de um participípio passivo verbal e que as propriedades da passiva adjetiva são determinadas pelas propriedades lexicais da base verbal e por traços do morfema passivo, em conjunto com propriedades gerais dos adjetivos, do Princípio de Projeção e do Critério- θ .

Algumas das mudanças postuladas pelas autoras na APF (em (22) acima) são operadas pelo processo de derivação da passiva verbal. As autoras estabelecem que o mesmo sufixo está associado à derivação de ambas as passivas, sendo responsável por diversas propriedades por elas compartilhadas, entre as quais a supressão do papel- θ externo, que elas consideram como sendo a propriedade essencial do morfema passivo.

Levin & Rappaport-Hovav (1986) assumem que, idealmente, as propriedades divergentes das duas formas de passivas – a verbal e a adjetiva – devem ser resultantes das diferenças categoriais entre elas, e defendem que a regra de Formação da Passiva Adjetiva é baseada apenas na conversão do particípio passivo verbal em um adjetivo, o que é representado pela seguinte regra lexical:

$$(23) V_{[\text{Part}]} \rightarrow [V_{[\text{Part}]}]_A.$$

1.3 A construção passiva com verbos psicológicos

A construção passiva tem sido referida na literatura, desde o trabalho seminal de Belletti & Rizzi (1988, 1992) como um teste para distinguir subclasses de verbos psicológicos.¹⁶ Belletti & Rizzi (1988, 1992) propõem que verbos das subclasses de *preoccupare* e de *piacere* são inacusativos, projetando duas posições para argumento interno e uma posição atemática para o sujeito.

Segundo os autores, as evidências empíricas para a análise inacusativa estão relacionadas basicamente ao fato de que o sujeito superficial de *preoccupare/piacere*, diferentemente do de *temere*, não se comporta como sujeito profundo. O sujeito superficial de *preoccupare/piacere* possui um conjunto de propriedades de sujeitos derivados/superficiais não compartilhadas pelo sujeito superficial de *temere*, entre as quais a impossibilidade de formar passivas sintáticas (24a). Mas, de acordo com Belletti & Rizzi (1988, 1992), esses verbos admitem a formação de passivas adjetivas (24b).

(24) a. *Sono stufato dalle sue idee.

‘Eu sou cansado pelas suas ideias’

¹⁶ Sobre o problema da classificação dos verbos psicológicos, ver Introdução deste trabalho e obras lá citadas.

b. Sono stufo delle sue idee.

‘Eu estou cansado das suas ideias’

A análise inacusativa de Belletti & Rizzi (1988, 1992) para os verbos psicológicos das classes de *preoccupare* e de *piacere* foi criticada por vários autores, entre os quais destaca-se Pesetsky (1995), que observou que os verbos dessas classes (que ele agrupa na classe dos Experienciador-objeto) diferem dos verbos inacusativos clássicos pelo fato de, em italiano, não permitirem cliticização com *ne* e selecionarem auxiliar *have* e não *be*.

Apesar das críticas à análise de Belletti & Rizzi (1988, 1992), o fato empírico se mantém: certos verbos psicológicos rejeitam a passiva verbal e admitem somente a passiva adjetiva. E esse teste (entre outros) foi usado por Cançado (1995) para distinguir as classes de verbos psicológicos no português, como mencionamos na Introdução deste trabalho.

Para Cançado (1995), em relação à construção passiva verbal e à adjetiva, os verbos psicológicos se distinguem assim: a) classes de *temer* e de *acalmar*, que licenciam apenas a construção passiva verbal; b) classe de *preocupar*, a qual admite apenas a construção passiva adjetiva; e c) classe de *animar*, que licencia ambas as construções passivas – verbal e adjetiva.

Cançado (1995) explica esse comportamento irregular dos verbos psicológicos a partir da hipótese de que existem restrições de ordem semântica para que ocorra o processo morfológico de apassivação. Para a autora, o papel temático do argumento externo deve ter o traço [+controle] para licenciar a construção passiva verbal analítica, como no caso das classes de *temer*, *acalmar* e *animar*. Segundo a autora, a classe do verbo *preocupar* não licencia a construção passiva verbal pelo fato de o papel temático do argumento externo não possuir a propriedade expressa pelo traço [+controle].¹⁷ Cançado (1995) expõe alguns fatos já conhecidos e outros novos para reforçar essa hipótese.

Primeiramente, verbos estativos, os quais selecionam um sujeito Objetivo, incompatível com o traço [+controle], não admitem a passiva:

¹⁷ O trabalho de Cançado (1995) é desenvolvido no âmbito da proposta da Teoria Generalizada de Papéis Temáticos (Franchi (1975-1997), *apud* Cançado (1995)), que é baseada nos pressupostos teóricos da semântica representacional e cujo pressuposto é o de que papéis temáticos sejam conjuntos de acarretamentos dos predicadores em relação a seus argumentos.

- (25) a. A elaboração desta tese me custou alguns anos de esforço.
b. *Alguns anos de esforço me foram custadas pela elaboração desta tese.

Segundo, argumentos com papel de Beneficiário, em predicados incompatíveis com o traço de controle, impossibilitam a construção passiva:

- (26) a. O fazendeiro tem/possui cem alqueires de terra cultivável.
b. *Cem alqueires de terra cultiváveis são tidos/possuídos pelo fazendeiro.

No entanto, a autora aponta que há vários argumentos Beneficiário que se mostram compatíveis com traços de controle, logo admitindo passiva:

- (27) a. O rapaz recebeu a mercadoria esperada.
b. A mercadoria esperada foi recebida pelo rapaz.

Todavia, quando há ausência presumida de controle, a sentença passiva se torna estranha (cf. (28)), tornando-se, porém, aceitável quando um adjunto reintroduz, composicionalmente, a pressuposição de controle (cf. (29)):

- (28) a. Sam recebeu uma rasteira do colega.
b. ??? A rasteira foi recebida do colega por Sam.
(29) A rasteira foi recebida do colega, por Sam, como uma prova de amizade.

A partir desses dados, Cançado (1995) reitera a hipótese de que a gramaticalidade da construção passiva verbal depende fundamentalmente de que o argumento externo (sendo Agente ou não) tenha a propriedade [+controle].

Sobre a representação sintática da passiva, Cançado (1995) afirma que, em português, uma operação no léxico associa verbos a uma forma adjetival, perfectivo-estativa, a qual altera a Hierarquia Temática – no caso, o princípio de seleção argumental do sujeito, reordenando o papel temático proeminente em uma posição periférica:

- (30) TEMER: V, {Experienciador^{+controle}, Objetivo} →
 → TEM+IDO, A, {Experienciador^{+controle}, Objetivo*}

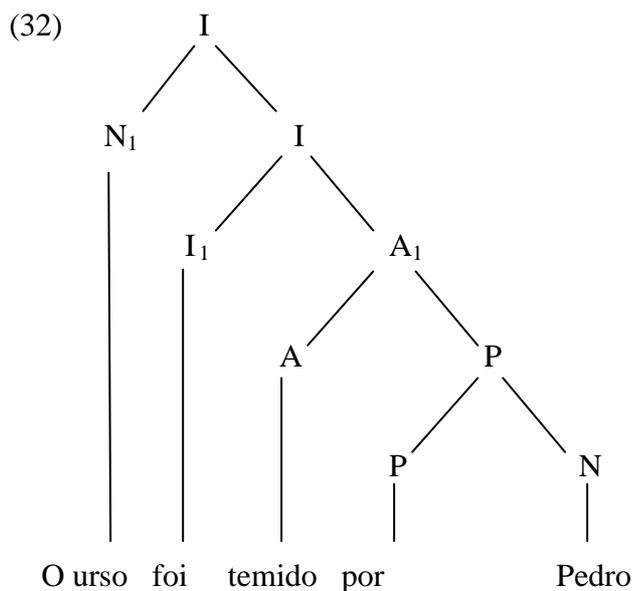
ou,

- (31) << - <objetivo> > Experienciador^{+controle}>

Na representação em (31), o argumento-Objetivo é selecionado para a posição de sujeito. Por possuir uma natureza adjetival, o predicado formado pelo particípio é suficiente para excluir a possibilidade de uma posição A-visível para a atribuição de um Caso (acusativo) estrutural. O argumento tornado periférico pela alteração da diátese do verbo, desse modo, pode se tornar visível somente indiretamente, por meio de um sintagma preposicionado, se expresso.

Para Cançado (1995, p. 164), na forma adjetival, o particípio se combina com diferentes verbos auxiliares, como *ser* e *ficar*, os quais são suporte de tempo, aspecto e modo, na formação de predicados primários. O verbo auxiliar nessas construções não expressa, segundo ela, nenhuma relação semântica do ponto de vista temático: o papel temático dos argumentos depende inteiramente das propriedades lexicais do particípio. Desse modo, são tratados apenas como “verbos funcionais”, sendo somente a gramaticalização das categorias funcionais de Tempo e Aspecto.

A estrutura resultante das reflexões da autora é representada em (32):



Por fim, Cançado (1995) chega à conclusão de que, sem haver o desenvolvimento de um sistema explicativo formal, fica difícil explicitar teoricamente

as restrições observadas. Para a autora, deve-se estabelecer uma restrição sobre os verbos auxiliares, no léxico, operando sobre os traços semânticos aspectuais do particípio passado (perfectividade) e sobre a sua rede temática (haver ou não traços de controle no argumento externo do verbo).

CAPÍTULO 2

PROPOSTAS RECENTES SOBRE A ESTRUTURA DAS PASSIVAS VERBAIS E ADJETIVAS

Neste capítulo, ampliamos a reflexão sobre a construção passiva a partir de novas propostas teóricas desenvolvidas à luz do Programa Minimalista: Boeckx (1998) e Collins (2005), para a passiva verbal; e Alexiadou (2005), para a passiva adjetiva. Tais trabalhos são estudados de maneira mais detida, pois trazem subsídios para a elaboração da proposta desenvolvida nesta dissertação.

2.1 Propostas recentes para a construção passiva verbal

2.1.1 Boeckx (1998)

Boeckx (1998) afirma que não há dúvidas de que a passiva se enquadra nas teorias de Caso e Papel- θ . Porém, diferentemente de Jaeggli (1986) e de Baker, Johnson & Roberts (1989), Boeckx (1998) considera essencial responder por que a passiva se enquadra nessas teorias. O autor rejeita as análises de Jaeggli (1986) e de Baker, Johnson & Roberts (1989) pelo fato de eles não explicitarem precisamente por que *-en*, e não outro elemento, é um argumento – há simplesmente uma estipulação. O objetivo de Boeckx (1998) é, então, determinar os traços distintivos da passiva.

O autor lembra que os traços considerados por aqueles autores como distintivos da passiva são os seguintes: anteposição do NP argumento interno (o objeto lógico passa para a posição de sujeito superficial); posposição do NP argumento externo (o que era sujeito na ativa passa para o complemento da *by-phrase* na passiva); e alteração da morfologia verbal. Entretanto, Boeckx (1998) descarta o movimento do NP argumento interno e a presença da *by-phrase* para abrigar o argumento externo como fenômenos centrais da passiva, sob os argumentos de que a posição de sujeito superficial pode ser ocupada por um expletivo, não havendo movimento do NP argumento interno, como em (1), e de que não há obrigatoriedade da *by-phrase*, como em (2):

- (1) Es wurde von uns getantzt.
‘expl. foi por nós dançado’
- (2) He was killed
‘Ele foi morto’

Para Boeckx (1998), a alteração da morfologia verbal é o único traço que caracteriza minimamente a estrutura passiva – traço esse que faz parte do inventário morfológico das línguas. Boeckx (1988, p. 188) postula que esse traço, por ser ‘rico’, ‘forte’, permite que o sujeito lógico permaneça coberto. O autor compara a possibilidade de remoção do sujeito lógico da passiva ao fenômeno do sujeito nulo (*pro-drop*), que ocorre quando os traços- ϕ de T são fortes, visíveis. Desse modo, em sentenças como (3) e (4), observa-se a ocorrência de uma categoria pronominal vazia *pro* na posição de sujeito, cuja identificação é estritamente local: *pro* ocupa a posição de especificador de T, que tem traços fortes associados à riqueza morfológica dos verbos no italiano e no espanhol, respectivamente:

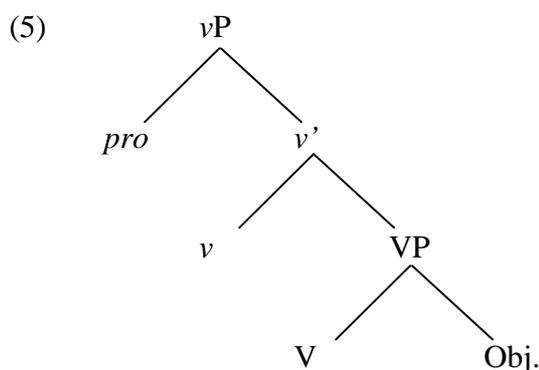
- (3) *Pro* parlo italiano
‘ \emptyset falo italiano’
- (4) Hablamos castellano
‘ \emptyset falamos castelhano’

Por analogia, Boeckx (1998) afirma que o argumento implícito da passiva (o qual permite que o sujeito lógico fique implícito) é o pronominal *pro* – e o traço que o licencia é o morfema de particípio passado *-en* (o qual é ‘rico’, ‘visível’, ‘forte’).

O autor considera que, morfossemanticamente, o morfema particípio passado *-en* pode ser caracterizado como um traço aspectual. Seguindo a sua tese de que há uma simetria entre a passiva e o fenômeno *pro-drop*, Boeckx (1998) indica que a relação *pro/-en* – denominada pelo autor de *pro-drop aspectual* – é tão local quanto a relação do sujeito nulo e T, sendo *v* o local daquela relação. Boeckx (1998) apresenta três razões para afirmar que a relação *pro/-en* ocorre em *v*: (i) as abordagens que assumem um sintagma aspectual (AspP) o localizam dentro do VP, ou abaixo do AGRoP, o qual se projeta dentro de VP; (ii) o auxiliar *have*, que Boeckx (1998) coloca em *v*, possui propriedades aspectuais; e (iii) em árabe, os traços aspectuais e de Caso acusativo estão relacionados.

Em resumo, Boeckx (1998) afirma que da mesma maneira que *pro* é licenciado pela riqueza do verbo nas línguas de sujeito nulo, o *pro* da passiva é licenciado pela riqueza do participípio passivo (provavelmente a riqueza aspectual, diz o autor). O autor postula que *pro* ocupa a posição de [spec,v] e, como argumento, tem de checar seus traços ininterpretáveis (como o de Caso).

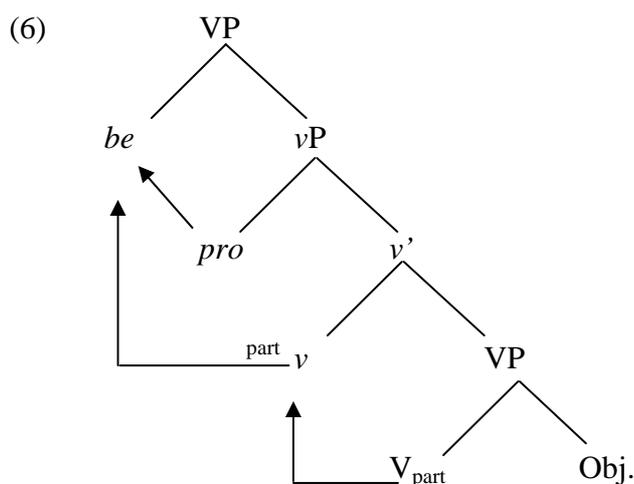
Boeckx (1998) afirma que a configuração em (5) resulta em uma sentença ativa caso nada perturbe a sua configuração: o argumento externo (sujeito lógico), não sendo licenciado como *pro* aspectual, é atraído por T e checa Caso nominativo contra T:



Porém, o *pro* da passiva tem traços aspectuais que perturbam a configuração em (5), de maneira que não pode ter os traços de Caso checados em T, pois a condição de localidade não seria respeitada. Como o sujeito lógico (argumento externo) é licenciado em LF como *pro*, é necessário que durante toda a derivação *pro* e *-en* tenham de ficar sempre juntos. Desse modo, como condição para manter a localidade da relação *pro-drop aspectual*, *pro* bloqueia (paralisa) os traços de Caso acusativo de *v*, impedindo que *v* entre em relação de checagem com o objeto lógico. O objeto lógico terá, então, de ser licenciado em outro local, a saber: T.

O *pro-drop aspectual* altera, portanto, a direção “normal” da computação, produzindo o reverso da computação de uma sentença ativa: como *pro* e *-en* devem obedecer a uma condição de localidade, eles têm de permanecer juntos. Desse modo, quem tem de entrar em relação de checagem com *v* é *pro*, e não o objeto (como ocorre na derivação da ativa). Segundo o autor, é a riqueza aspectual do morfema *-en* que impede a checagem entre *v* e o objeto lógico, e possibilita que *pro* e *v* entrem em relação de checagem (de traços de Caso). Em síntese, é a riqueza aspectual de *-en* que perturba a relação normal de checagem de traço acusativo (a qual ocorre na derivação da sentença ativa).

Como consequência da necessidade de manutenção da relação *pro-drop aspectual*, tendo *pro*, na posição de spec do vP, que paralisar os traços de Caso acusativo de *v*, presentes na passiva, *pro* tem de checar Caso acusativo. Segundo o autor, a checagem do traço acusativo ocorre no VP do auxiliar *be*, local em que o complexo [*v*-V_{part}] se adjunge. *Pro*, então, adjunge-se ao complexo [*v*-V_{part}] e a checagem de Caso acusativo é feita por adjunção.¹⁸ A derivação parcial da passiva, proposta por Boeckx (1998), está representada em (6):



Em relação à variabilidade dos papéis- θ nas *by-phrases*, Boeckx (1998) postula que *pro* e a *by-phrase* expressam um só papel- θ α , sendo α o papel- θ mais externo.

Sobre a preposição *by*, o autor observa que *by-phrases* podem ser introduzidas por outras preposições, além de *by*, e postula – a partir da ideia de que apenas traços são relevantes no componente computacional (C_{HL}) – que *by* é uma preposição *default* em inglês. Boeckx (1998), a partir da análise de línguas com sistema rico de Caso, as quais não utilizam a preposição para expressar o papel- θ externo em sentenças passivas e fazem uso de Caso, considera que a preposição da *by-phrase* é marcadora de Caso.

¹⁸ Boeckx (1998, p. 126) defende que o verbo auxiliar *be* tenha seu próprio VP, à semelhança de um verbo pleno. E como um verbo de alçamento, *be* não possui papel- θ externo, logo não projeta um especificador. *Be* é gerado imediatamente após o estágio da derivação representado em (5). Para o linguista, o particípio passado passivo ocupa a posição de V, e se adjunge ao auxiliar *be*. A possibilidade de adjunção a *be* vem do fato de que Boeckx vê o auxiliar *be* como um verbo leve é que ele não pode ser enfatizado em sentenças como **He should have BEEN killed*. O verbo participial ocupa a posição de V, se adjunge a *v* para checar o traço forte de *v*, e o complexo [*v*-V_{part}] sobe para *be*. É nesse ponto da derivação, segundo o autor, que há checagem do traço de Caso acusativo de *pro*.

2.1.2 Collins (2005)

Collins (2005) rejeita as análises propostas para a passiva na abordagem de Princípios e Parâmetros (GB) – apresentadas anteriormente no Capítulo 1. Segundo o autor, um grave problema com as análises à luz do modelo de Princípios e Parâmetros (GB) é o fato de o argumento externo ser gerado em uma posição completamente diferente na ativa (em Spec,IP) e na passiva (complemento da preposição *by*, em inglês). Com referência à proposta de Jaeggli (1986), Collins afirma que ela viola a Hipótese de Uniformidade de Atribuição de Papel- θ – UTAH (*Uniformity of Theta-Assignment Hypothesis*), uma vez que o argumento externo na passiva recebe papel- θ (via absorção de papel- θ e transmissão) de uma forma totalmente diferente de como o papel- θ do argumento externo é atribuído na ativa (em Spec,IP).¹⁹

O autor propõe uma análise em que o argumento externo na passiva ocupa a mesma posição subjacente que o argumento externo na ativa. Nesse sentido, a teoria proposta assemelha-se à análise de Chomsky (1957), e afasta-se das análises na tradição de GB.²⁰ Collins (2005) procura combinar aos avanços teóricos do Programa Minimalista os melhores aspectos da GB e da análise realizada por Chomsky (1957). Ele parte do pressuposto de que o processo de concatenação (*merge*) do argumento externo na passiva é o mesmo da ativa, em Spec,vP. Esta é derivação proposta pelo autor, a ser reformulada posteriormente:

- (7) *the book was written by John*
- a. John → Merge with *by*
 - b. [PP by John]
 - c. [_vP v VP] → Merge external argument
 - d. [_vP [PP by John] [_v' v VP]] → Merge *be*
 - e. [_{VP} be [_vP [PP by John] [_v' v VP]]] → Merge Infl
 - f. [_{IP} Infl [_{VP} be [_vP [PP by John] [_v' v VP]]]]
- Internal Merge of [_{DP} the book] into Spec,IP

¹⁹ A UTAH (Baker, 1988) afirma que relações temáticas idênticas entre itens são representadas por relações temáticas idênticas entre esses itens em nível de estrutura profunda.

²⁰ A análise de Chomsky (1957, p. 42-43; 78-81) é dada em (i):

(i) If S_1 is a grammatical sentence of the form $NP_1 - Aux - V - NP_2$
Then the corresponding string of the form $NP_2 - Aux + be + en - V - by + NP_1$
is also a grammatical sentence.

g. [_{IP} [_{DP} the book] [_{I'} Infl [_{VP} be [_{VP} [_{PP} by John] [_{v'} v VP]]]]]

Nesse processo derivacional, um PP *by*-phrase é concatenado em Spec,vP, o que, conforme mencionado pelo autor, representa um problema para a proposta de que ativa e passiva possuem derivação semelhante quanto à projeção de base dos argumentos: espera-se que um DP (não um PP) seja gerado em Spec,vP tanto na ativa quanto na passiva, uma vez que *v* é atribuidor de papel- θ ao argumento externo.

Além disso, segundo o autor, o grande problema da derivação em (7) é que ela parece produzir uma ordem de palavras inaceitável para a sentença passiva. Se [_{PP} by John] é concatenado em Spec,vP, e se especificadores precedem núcleos e complementos, é possível prever a ordem em (8a), em oposição a (8b):

- (8) a. **The book was by John written.*
 b. *The book was written by John.*²¹

Analisando dados da língua Kiswahili (Hinnebusch & Mirza 1998:11, *apud* Collins (2005, p. 86)), em que o verbo é seguido pelo sufixo –w na passiva (cf. (9b) em oposição a (9a)), o autor postula que a projeção que o sufixo passivo ocupa é VoiceP:

- (9) a. Mama yangu a-li-tengenez-a shati langu.
 mother my 1AGR-PAST-made-FV shirt my
 ‘My mother made my shirt.’
 b. Shati langu li-li-tengenz-w-a na mama yangu.
 shirt my 5AGR-PAST-made-pass-FV by mother my
 ‘My shirt was made by my mother.’

Dada a existência de marca morfológica em VoiceP na passiva em Kiswahili, o autor assume que esse núcleo funcional existe como parte da GU. Uma vez que se precisa de uma posição para a qual o particípio possa se mover em inglês (para explicar a ordem em (8b)), parece natural – para Collins (2005) – fazer uso de VoiceP.

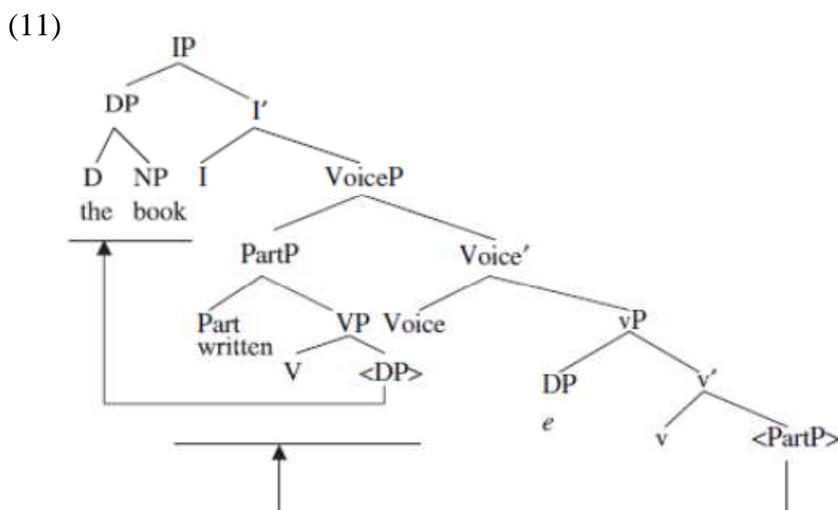
²¹ O contraste de agramaticalidade, ao que parece, permanece em português:

- a. *O livro foi por João escrito.
 b. O livro foi escrito por João.

Após desenvolver argumentos baseados na ordem verbo-partícula e no fenômeno de *prepositional stranding*, Collins (2005) assume que a passiva envolve um movimento do sintagma PartP para VoiceP e que *by* é o núcleo de VoiceP, não formando, portanto, um constituinte com o DP seguinte (argumento externo).²² Na proposta do autor, Voice pode ser produzido (*spelled out*) dessa maneira:

- (10) a. Voice = *by* (com DP argumento externo manifesto)
 b. Voice = \emptyset (passiva curta, sem DP argumento externo manifesto)

Collins (2005) assume, portanto, que a representação de uma passiva verbal é a que está em (11). Observamos que essa representação é a de uma passiva curta (sem *by-phrase*) e que, nas passivas com *by-phrase*, o núcleo Voice é preenchido pela preposição *by* e a posição de spec,vP é preenchida pelo DP argumento externo.²³



O autor argumenta que a análise da passiva envolvendo um argumento externo em Spec,vP implica dizer que o morfema passivo *-en* não recebe (absorve) papel- θ

²² Segundo o autor, uma objeção imediata a essa análise é que se postula ser o núcleo funcional constituído – unicamente – por traços ininterpretáveis. No entanto, Collins (2003, 2005) e Baker & Collins (2003) discutem a sintaxe dos *linkers* e demonstram que eles são núcleos funcionais compostos puramente de traços ininterpretáveis. Do mesmo modo, mesmo nas teorias padrões sobre a passiva, é necessário admitir, diz Collins (2005), que a preposição *by* na estrutura [_{PP} *by* DP] não possui traços interpretáveis.

²³ Collins (2005) argumenta que na passiva a ordem das palavras é resultante de um movimento de XP, não de um movimento de núcleo. Para o autor, uma maneira de forçar a ordem [...V Prt EA...] é elaborar uma estipulação adicional em que a partícula deve ser incorporada ao verbo e permanece incorporada a ele quando *v* sobe para Voice. No entanto, Collins não encontra meios para forçar a análise em que o particípio seja incorporado ao verbo.

externo. Na teoria de Collins (2005), o sufixo de particípio passado (*I have seen John*) e o sufixo de particípio passivo (*John was seen*) não possuem diferentes estatutos teóricos, pois não diferem em relação a serem capazes de receber papel- θ externo e não são capazes de receber (absorver) Caso.

A questão apresentada por Collins (2005) é: por que o particípio passivo não checa Caso acusativo, sendo que o particípio passado o faz? No Minimalismo, Caso é checado em v , o qual também atribui papel- θ externo. Caso e papel- θ são distintos. Onde ocorre essa distinção? O autor sugere que é precisamente na passiva que esses dois elementos se distanciam e são projetados em dois núcleos distintos.

- | | | | |
|------|-------------|---------------------|---------------------------------|
| (12) | a. active: | v | assigns external θ -role |
| | | v | checks accusative Case |
| | b. passive: | v | assigns external θ -role |
| | | Voice [<i>by</i>] | checks accusative Case |

Na passiva, o traço de Caso é separado de v e é projetado como parte de VoiceP. Mais precisamente, o autor adota a seguinte condição (Collins, 2005, p. 96):

- (13) Suponha que X (v ou P) tenha um traço de checagem de Caso [uF], então é possível para [uF] ser dissociado de X, e ser adicionado à numeração como parte do núcleo funcional VoiceP.²⁴

Dada a condição em (13), é possível, conforme o autor, explicar a seleção de auxiliar na passiva em inglês: particípios passados não projetam VoiceP (e, portanto, formam sentenças ativas, que selecionam *have*), enquanto particípios passivos projetam VoiceP.

- | | | |
|------|---------------------------------------|------------------------------------|
| (14) | a. <i>John has seen the book.</i> | (<i>active, no VoiceP</i>) |
| | b. <i>*The book has seen by Mary.</i> | (<i>passive, VoiceP present</i>) |
| | c. <i>The book was seen by Mary.</i> | (<i>passive, VoiceP present</i>) |
| | d. <i>*John was seen the book.</i> | (<i>active, no VoiceP</i>) |

²⁴ No original (Collins, 2005, p. 96):

Suppose X (v or P) has a Case-checking feature [uF], then it is possible for [uF] to be dissociated from X, and for [uF] to be added to the numeration as part of the functional head VoiceP.

Essa distribuição sugere os dois princípios propostos pelo autor e enunciados a seguir (Collins, 2005, p. 90):

- (15) A participle (PartP) must be licensed by
- a. being c-selected by the auxiliary *have* or
 - b. moving to Spec, VoiceP.

O autor assume que Voice nucleado por *by* checa o Caso acusativo do DP em Spec, vP de uma maneira muito semelhante ao modo pelo qual o complementador preposicional *for* checa o Caso de um DP em Spec, IP em sentenças como [_{CP} *For John to win would be Nice*].

Segundo o autor, a relação entre a passiva com *by-phrase* e a passiva curta, com argumento implícito, também é semelhante à relação entre orações infinitivas com sujeito manifesto e orações com sujeito (implícito) PRO, respectivamente. Em (16a), a presença da preposição provoca a ocorrência manifesta do DP argumento externo do infinitivo, enquanto em (16b) a ausência da preposição licencia a não manifestação fonológica desse argumento:

- (16) a. *For John to win would be exciting.*
b. *PRO to win would be exciting.*²⁵

Em síntese, Collins (2005) argumenta em favor de uma análise da passiva com a seguinte característica: o argumento externo é concatenado na passiva exatamente do mesmo modo que na ativa (a saber: *Merge* (DP, vP)). Essa propriedade, para o autor, parece traduzir, em termos de Programa Minimalista, a intuição central da abordagem de Chomsky (1957) sobre a passiva.

A análise proposta por Collins (2005) é radicalmente distinta das propostas tradicionais no modelo da GB. Apesar de haver essas diferenças, a abordagem do autor conserva as características mais importantes da análise do modelo de GB: as propriedades da passiva decorrem da interação de princípios invariantes da GU e de alguns parâmetros, restritos a propriedades dos itens lexicais. Para Collins (2005), os parâmetros correspondem a núcleos funcionais, compostos unicamente de traços

²⁵ Não tratamos dos detalhes dessa proposta de análise neste trabalho. Para mais informações, consultar Collins (2005).

ininterpretáveis e um desses parâmetros é a existência do núcleo funcional *-en* particípio passivo/passado. Outro parâmetro é a projeção de VoiceP.

Uma hipótese natural é a seguinte (adaptada, por Collins (2005), da abordagem sobre variação paramétrica de Borer (1984), Fukui (1995), Chomsky (1995)):

- (17) Toda variação paramétrica está relacionada a variações nos traços ininterpretáveis.

Sendo assim, conforme o autor, não há passiva em uma Língua-I sem VoiceP (uma projeção composta puramente de traços ininterpretáveis), e tal Língua-I existe (cf. Keenan (1985), *apud* Collins (2005, p. 117), para lista das línguas que não possuem construção passiva).

2.2 A construção passiva adjetiva: Alexiadou (2005)

Em diversas línguas, significados semelhantes aos da passiva podem ser obtidos por meio de construções passivas não canônicas. As *get passives* em inglês são um exemplo desse tipo de construção:

- (18) a. John was killed in the war.
b. John got killed in an accident.

(Haegeman (1985), p. 53, *apud* Alexiadou (2005))

Para Alexiadou (2005), as construções-*get* são particularmente interessantes por levantarem questões acerca da distinção entre núcleos lexicais e núcleos funcionais – e evidenciarem a potencial existência de núcleos semilexicais. Assume-se tradicionalmente que núcleos funcionais não possuem estrutura argumental conceitual-lexical, eles selecionam seus complementos somente em termos de traços morfossintáticos e categoriais do núcleo do complemento. Van Riemsdijk ((1998), *apud* Alexiadou (2005)) apresenta argumentos convincentes para a existência de núcleos semilexicais no domínio nominal. Os trabalhos de Corver & Van Riemsdijk ((2001), *apud* Alexiadou (2005)) sugerem a existência desses núcleos também no domínio verbal.

Alexiadou (2005) assume que *get* é uma instância de um núcleo semilexical no domínio verbal. Em particular, *get* é visto como uma variante semilexical de um núcleo lexical maior, uma vez que não possui propriedades de seleção argumental. Isso se torna claro ao se contrastar o exemplo (18b) com os exemplos em (19) e (20). Enquanto em (18b) *get* não parece licenciar o papel temático do sujeito, em (19) e (20) ele aparenta licenciar estrutura argumental. Isso inclui casos em que: (a) *get* tem a função de um verbo lexical (como em (19)); e (b) construções em que é ativo/causativo, em que o sujeito é interpretado como o causador da ação descrita pela oração participial em (20):

- (19) Susan got a book.
- (20) John got Mary blamed for the accident.

A natureza semilexical de *get* é manifestada por uma série de critérios que desambigua núcleos funcionais puros, como, por exemplo, auxiliares e verbos lexicais. Em exemplos do tipo (18b), *get* se comporta mais como um verbo lexical do que como um auxiliar, na medida em que demonstra um comportamento atípico para os auxiliares em diversos contextos, incluindo a formação de perguntas e a contração para negação:

- (21) a. Did he get killed?/Was he killed/*Got he killed.
- b. He didn't get killed/He wasn't killed/*He gotn't killed.

Alexiadou (2005) resume brevemente as principais características das *get-passives* como têm sido descritas na literatura.

Primeiro, diferentemente das passivas com *be*, nas *get-passives* não há um argumento externo implícito, uma vez que não ocorrem em construções de controle em orações de finalidade e não podem licenciar adverbiais volitivos (Fox and Grodzinsky (1998), *apud* Alexiadou (2005)):

- (22) a. The ship was sunk [v].
- b. *The ship got sunk [PRO to collect insurance money].
- c. The ship got sunk [for John to collect insurance money].
- (23) a. The book was torn on purpose.
- b. *The book got torn on purpose.

(Fox and Grodzinsky (1998), *apud* Alexiadou (2005, p. 15))

- (28) a. *The truth got known.
 b. *Mary got feared.
 c. *Mary got followed by a little lamb.
 d. *Mary got seen.
 e. *The electricity light got invented.

A discussão realizada por Alexiadou (2005) sugere que nas *get-passives* o estatuto do particípio é diferente da contraparte *be* – ou seja, envolve um particípio adjetival. A questão a que a autora retorna que o tipo de particípio adjetival está presente na estrutura, em vista dos trabalhos de Kratzer (2001), Embick (2003) e outros. Esses autores pontuam que particípios adjetivos se dividem em sub-tipos (pelo menos dois), dependendo se eles carregam ou não implicação de eventos.

Uma maneira possível de distinguir entre os dois tipos de particípios adjetivais vem de sua forma. Enquanto na maioria dos casos os particípios são homófonos em inglês, Embick (2003) nota que há casos em que um significado estativo puro, isto é, um significado vazio de implicações de evento, é mapeado em uma realização fonológica distinta. Como mostrado em (29), a forma designada é reservada para o particípio estativo:

(29)	Raiz	Estativo	Outros Particípios
1.	√ROT	rott- <i>en</i>	rott-ed
	√SINK	sunk- <i>en</i>	sunk
2.	√EMPTY	empty	empti-ed
	√DRY	dry	dri-ed

É possível combinar ambas as formas com *get* e as construções serão diferentes em interpretação. Em (31), o sujeito de *get* é afetado pelo evento descrito no complemento de *get* no sentido que alguém é compreendido como tendo esvaziado a caixa de correio. Essa não é a interpretação associada a (30), em que a leitura é a de que a caixa de correio se tornou vazia.

- (30) The mailbox got empty.
 (31) The mailbox got emptied.

Taranto (2004, *apud* Alexiadou (2005)) também observa que a construção com *get* como um todo é eventiva, embora *get* possa selecionar complemento estativo ou eventivo. No caso de (30), o complemento é uma construção estativa pura, não havendo camadas funcionais que provocam eventividade; já (31) contém tal camada, mas falta uma projeção funcional que apresenta características de agentividade.

Outro teste que pode ser utilizado para trazer evidências para a estrutura participial no complemento de *get* diz respeito à distribuição de advérbios. Como mostram os dados em (32), o particípio sob *get* pode ocorrer com adverbiais que modificam o estado resultante, mas não com advérbios que trazem uma interpretação agentiva/intencional:

- (32) a. John got sloppily dressed.
b. ??The manuscript got carefully destroyed.

Segundo Alexiadou (2005), o fato de que apenas advérbios orientados para resultado são totalmente gramaticais nas construções-*get* parece sugerir que o complemento de *get* é um particípio que carrega traços de eventividade. A construção, portanto, parece ter semelhanças com particípios resultativos de Kratzer (2001). Em favor dessa ideia, Alexiadou (2005) nota que eles são incompatíveis com *for*-PPs (por exemplo, *The table was/*got wiped for an hour*, conforme observado por Fox and Grodzinsky (1998), *apud* Alexiadou (2005, p. 19)).

No entanto, a autora aponta uma diferença importante entre particípios resultativos e as construções-*get*: particípios resultativos não licenciam *by-phrases*, mas *get-passives* licenciam:

- (33) a. *John is arrested by the police.
b. John got arrested by the police.

Dados como os em (33) sugerem que *by-phrases* não são licenciadas diretamente pelo particípio resultativo, mas o seu licenciamento ocorre de uma maneira distinta. Fox e Grodzinsky (1998, *apud* Alexiadou (2005)) postulam que o licenciamento da *by-phrase* nas *get-passives* segue o padrão de licenciamento de *by-phrases* em nominalizações e se restringe apenas ao papel de afetado. Arce-Arenales et al. (1994, *apud* Alexiadou (2005)) denomina as *by-phrases* envolvidas nas construções *get* como

sintagmas pseudo-agentivos. Alternativamente, pode-se supor que a diferença entre (33a) e (33b), e, portanto, entre o *locus* de licenciamento da *by-phrase* nas duas construções, se deve à presença de *get*.

Alexiadou esboça a estrutura que assume para a *get-passive* a partir da proposta de Richards (2001, *apud* Alexiadou (2005)) e Harley (2004, *apud* Alexiadou (2005)), os quais postulam que no uso transitivo de *get*, como em *Susan got a book*, esse verbo é decomposto em uma camada BECOME e uma HAVE. A incorporação de HAVE em BECOME produz *get*:

(34) [_{VP} BECOME [_{PP} Susan [HAVE a book]]]

Com base em Haegeman (1985, *apud* Alexiadou (2005)), a autora assume que *get* é na verdade um verbo leve que recebe um sintagma resultativo, ou seja, o particípio resultativo, como seu complemento. O particípio se assemelha à estrutura assumida para os particípios estativos resultativos em Alexiadou & Anagnostopoulou (2005) e Embick (2003), citados por Alexiadou (2005). O sujeito da construção com *get* sobe de dentro da estrutura participial para a sua posição superficial.

(35) John got [_{RP} t pushed].²⁶

Fox and Grodzinsky (1998, *apud* Alexiadou (2005)) apresentam os casos em que *get* pode separar expressões idiomáticas, sugerindo que o sujeito deve receber o seu papel temático na posição de base:

(36) In the end, advantage always gets taken of John.

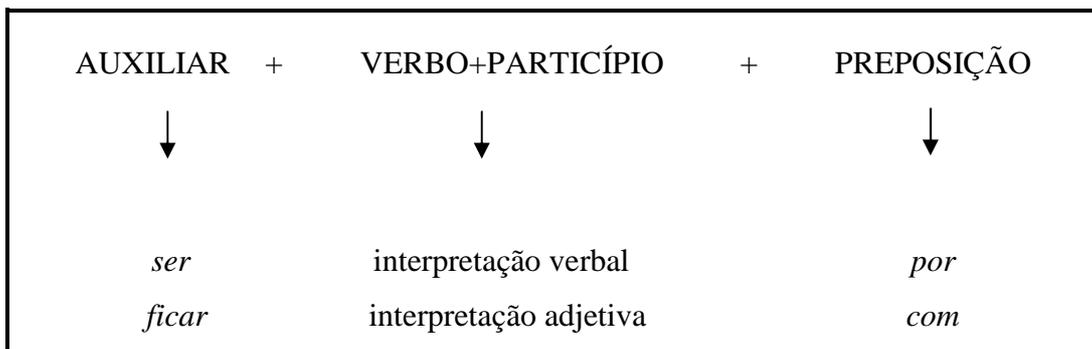
Alexiadou (2005) propõe, em sua análise, que *get* seja gerado em um núcleo do tipo v/Voice. Como tal, *get* tem de ter uma natureza semilexical, e o resultado são as restrições à sua seleção de complemento.

²⁶ RP, em Alexiadou (2005), significa *resultative phrase*.

CAPÍTULO 3

PROPOSTA DE ANÁLISE DAS PASSIVAS COM VERBOS PSICOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos a nossa proposta de análise a respeito das construções passivas com verbos psicológicos. Consideramos como pressuposto de análise a noção de composicionalidade. Defendemos, desse modo, a ideia de que propriedades semânticas lexicais do verbo, bem como propriedades semânticas e morfossintáticas do morfema de particípio, do auxiliar e da preposição estão envolvidas no licenciamento da construção passiva verbal e adjetiva com verbos psicológicos. O esquema a seguir ilustra a noção de composicionalidade na passiva:



O auxiliar *ser*, a preposição *por* e o verbo de base associado ao morfema participial atuam conjuntamente para formar a passiva verbal. Do mesmo modo, o auxiliar *ficar*, a preposição *com* e o verbo de base associado ao morfema participial atuam conjuntamente para formar a passiva adjetiva.

Na primeira parte deste capítulo, retomamos brevemente o problema que constitui o objeto de nosso estudo (seção 3.1). Na segunda parte (seção 3.2), apresentamos uma síntese das principais propriedades das construções passivas e dos predicados psicológicos apresentadas pelos autores estudados neste trabalho. Por fim, elaboramos – a partir da fundamentação teórica por nós adotada – a proposta de análise das construções passivas com verbos psicológicos (seção 3.3).

3.1 Retomando o problema: a construção passiva com verbos psicológicos

Retomamos, nesta seção, algumas questões apresentadas na Introdução. O nosso objetivo é reconstituir o problema teórico que constitui nosso objeto de estudo.

Os verbos psicológicos se distinguem quanto ao seu comportamento em relação às construções passivas verbais e adjetivas. O grupo de *temer* (subclasse de verbos que projeta o argumento Experienciador na posição de sujeito) e o grupo de *acalmar* (verbos da subclasse que projeta o Experienciador na posição de objeto) aceitam passiva sintática, mas apresentam restrição à passiva adjetiva; o grupo de *preocupar*, que também é do tipo Experienciador-objeto, de outro modo, rejeita a passiva sintática e aceita a passiva adjetiva. Essa assimetria é ampliada quando observamos o comportamento de verbos psicológicos como *animar* (também do tipo Experienciador-objeto), que aceitam os dois tipos de passiva, a verbal e a adjetiva.

Procuramos, ao longo dos primeiros capítulos desta dissertação, identificar, nas análises propostas na literatura e tomando como ponto de partida essa classe de verbos, propriedades sintático-semânticas que estejam relacionadas à possibilidade de se construir a passiva verbal e/ou a passiva adjetiva com predicados psicológicos. A seguir, apresentamos uma síntese dessas propriedades, para, enfim, elaborarmos a nossa proposta de análise.

3.2 Propriedades dos predicados psicológicos e da construção passiva

Na Introdução desta dissertação dissemos que a classe dos predicados psicológicos é descrita em geral como possuindo uma grade temática <Experienciador, Tema> (à exceção de Pesetsky (1995), que propõe um refinamento de papéis semânticos para a análise desses verbos), e que essa classe não é homogênea em termos do mapeamento dos argumentos na sintaxe (verbos do tipo de *temer* projetam o Experienciador na posição de sujeito, enquanto verbos do tipo de *preocupar* projetam o Experienciador na posição de objeto). Esse problema teórico tem sido tratado, como vimos, de diferentes maneiras na literatura: por meio de uma análise inacusativa para os verbos da classe de *preocupar* ((Belletti & Rizzi (1988, 1992)); por meio da postulação de um morfema causativo (às vezes morfema zero) associado a uma raiz do tipo Experienciador-sujeito (*fear*), de modo a formar os verbos Experienciador-objeto

(Pesetsky (1995)); entre outras.²⁷ Ressaltamos, nesse aspecto, que grande parte dos estudiosos sobre verbos psicológicos consideram que os verbos do tipo Experienciador-objeto possuem uma interpretação causativa, que tem efeitos sobre a representação sintática dos argumentos dos verbos desse tipo (o Causador sendo associado à posição de argumento externo).

Vimos que o comportamento particular dos verbos psicológicos na formação de passivas verbais e/ou adjetivas foi um dos argumentos de Belletti & Rizzi (1988, 1992) para postularem uma análise inacusativa desses verbos (o Tema dos verbos da subclasse de *preocupar* não teria comportamento de sujeito profundo). Essa análise, entretanto, foi refutada por Pesetsky (1995), que demonstrou a possibilidade de se formar passiva verbal com verbos da subclasse de *preocupar* (o que contraria o fato teórico de que passivas verbais não podem ser formadas a partir de verbos inacusativos – cf. propostas teóricas que apresentamos no Capítulo 1 desta dissertação).

Com relação à análise de Cançado (1995) para os predicados psicológicos do português, mencionamos que o comportamento na passiva constitui uma das propriedades sintáticas consideradas relevantes para o estudo dos verbos psicológicos, os quais são subdivididos pela autora em quatro classes: *temer*, *preocupar*, *acalmar* e *animar*. Observamos, a partir da tabela elaborada por Cançado (1995), que a diferença de comportamento entre *temer* e *acalmar* de um lado, *preocupar* de outro lado, e *animar* de outro, quanto à passiva verbal, se repete ainda em outros dois fenômenos analisados pela autora: a possibilidade de admitir *pro* arbitrário como sujeito e a possibilidade de permitir orações causativas perifrásticas (com o uso do operador *fazer*). Repetimos, aqui, as três linhas do quadro de Cançado (1995) referentes a essas propriedades:

TEMER/ACALMAR	PREOCUPAR	ANIMAR
+ passiva verbal	+ passiva adjetiva	+ passiva verbal e adjetiva
+ <i>pro</i>	- <i>pro</i>	+/- <i>pro</i>
+ causativa perifrástica	- causativa perifrástica	+/- causativa perifrástica

Cançado (1995) afirma, ainda, que a possibilidade de um verbo formar passiva verbal está relacionada ao fato de o argumento em posição de sujeito exercer controle

²⁷ V. também Arad (1998), Grimshaw (1990); Reinhart (2001).

sobre o evento descrito pelo predicado. Segundo a autora, essa propriedade temática distingue os verbos das classes de *temer* e de *acalmar* (que possuem sujeitos [+ controle]), dos verbos da classe de *preocupar* (que possuem sujeitos [- controle]) e dos verbos da classe de *animar* (que tanto podem possuir sujeitos [+ controle] como sujeitos [- controle]).

No Capítulo 1, discorremos sobre as propostas de análise da construção passiva no modelo de GB e observamos que o problema teórico discutido pelos autores está relacionado à atribuição do papel- θ do argumento externo, uma vez que tem sido observado empiricamente que um argumento implícito é interpretado nas passivas e desencadeia efeitos sintáticos (como o de controlar o sujeito de uma oração infinitiva de finalidade). As propostas para explicar a atribuição de papel- θ na abordagem de GB) dialogam com o trabalho de Perlmutter & Postal (1984), dentro do arcabouço teórico da Gramática Relacional, e envolvem a absorção do papel- θ externo do verbo pelo morfema passivo (Jaeggli (1986)) ou o tratamento do morfema passivo como um argumento clítico gerado em Infl e posteriormente afixado ao verbo (Baker, Johnson & Roberts (1989)). Cabe salientar, no trabalho de Jaeggli (1986), que a preposição *by* é tratada como a expressão morfofonológica de traços abstratos de uma categoria funcional (desprovida, portanto, de traços semânticos próprios), o que explica por que as *by-phrases* podem carregar distintos papéis temáticos, a depender do papel- θ externo do verbo que constitui a predicação.

Sobre a construção passiva adjetiva, Levin & Rappaport-Hovav (1986) postulam uma regra de Formação da Passiva Adjetiva baseada apenas na conversão do particípio passivo verbal em um adjetivo. As propriedades da passiva adjetival são determinadas, segundo as autoras, pelas propriedades lexicais da base verbal e por traços do morfema passivo – em conjunto com propriedades gerais dos adjetivos, do Princípio de Projeção e do Critério- θ . Para as autoras, o mesmo sufixo passivo está associado à derivação de ambas as passivas, sendo responsável pelas propriedades por elas compartilhadas. As propriedades divergentes são resultantes das diferenças categoriais entre elas.

No Capítulo 2, apresentamos as propostas de base minimalista, para a construção passiva. Boeckx (1998) argumenta que a morfologia verbal – única propriedade que caracteriza minimamente a estrutura passiva – constitui um traço aspectual rico, o qual permite que o sujeito lógico permaneça coberto, semelhantemente ao que ocorre no fenômeno de sujeito nulo (*pro-drop*). Por analogia, o autor propõe que o argumento implícito da passiva é representado pelo pronominal *pro* e licenciado pelo morfema de

particípio passado. Segundo Boeckx (1998), a relação *pro/-en* é tão local quanto a relação entre o sujeito nulo e T, sendo *v* o local da relação *pro/-en*. Para Boeckx (1998), *by* é uma preposição marcadora de Caso.

Collins (2005) argumenta que o argumento externo na passiva deve ocupar a mesma posição subjacente (Spec,vP) que o argumento externo na ativa (semelhantemente a Chomsky (1957)). Segundo o autor, a passiva envolve movimento do sintagma PartP para VoiceP. Voice checa Caso acusativo do DP argumento externo em Spec,vP, e pode ser produzido como *by* (a que se segue um DP manifesto em Spec,vP) ou como zero (a que se segue um argumento implícito em Spec,vP, o que dá origem à chamada passiva curta). Para Collins (2005), a relação entre a passiva com *by-phrase* e a passiva com argumento implícito é semelhante à relação entre orações infinitivas com sujeito manifesto (introduzidas pela preposição *for* no inglês) e orações infinitivas com sujeito (implícito) PRO (que não possuem preposição manifesta).

Sobre a construção passiva adjetiva, apresentamos o trabalho de Alexiadou (2005), para quem *get* é uma instância de um núcleo semilexical no domínio verbal. Segundo a autora, diferentemente do equivalente *be*, as *get-passives*: (i) não implicam uma leitura de argumento externo implícito; (ii) não são permitidas com verbos estativos e com verbos que não admitem que o sujeito da construção seja interpretado como afetado; (iii) envolvem um particípio adjetival, diferente do particípio da contraparte *be*. Alexiadou (2005) cita os trabalhos de Kratzer (2001), Embick (2003) e outros, os quais pontuam que particípios adjetivos se dividem em subtipos (pelo menos dois), dependendo se eles carregam ou não implicação de eventos, podendo a construção com *get* selecionar complemento estativo (não havendo camadas funcionais que provocam eventividade) ou complemento eventivo (que contém uma camada de eventividade, mas ao qual falta uma projeção funcional com características de agentividade).

Tendo feito esse resumo das propriedades mencionadas pelos autores para a análise das construções passivas, passamos à elaboração da nossa proposta de análise para as passivas com verbos psicológicos.

3.3 Em direção a uma proposta de análise das passivas com verbos psicológicos

O primeiro aspecto a ser abordado em nossa análise é a distinção entre a natureza causativa da passiva verbal e a natureza estativa da passiva adjetiva. Segundo a hipótese que apresentamos na Introdução, passivas com o auxiliar *ficar* (adjetiva) são de natureza menos causativa, atribuindo características mais nominais ao processo verbal, o qual é interpretado como estativo, ao passo que as estruturas passivas com o auxiliar *ser* (passiva verbal) são compatíveis com a natureza causativa do processo verbal, o qual é interpretado como eventivo.

Essa hipótese encontra respaldo em Torres Morais (1988), que, apoiando-se no trabalho de Levin & Rappaport-Hovav (1986), afirma que a distinção semântica entre os participios passivos adjetivos e os participios passivos verbais é sutil: passivas verbais são associadas à leitura eventiva; passivas adjetivais são associadas à leitura estativa. A autora considera que, apesar de a diferença ser sutil, determinados ambientes morfológicos e sintáticos permitem distinguir claramente os tipos de participio, pois esses ambientes selecionam ou verbos ou adjetivos: participios passivos adjetivos admitem a prefixação do sufixo negativo *i-/in-*, que só podem ser prefixados a adjetivos (cf. (1)), ocorrem com verbos que selecionam complemento adjetival, mas não verbal (cf. (2), em que é demonstrado o paralelo entre participios adjetivais e adjetivos comuns), ocorrem em posição atributiva (assim como adjetivos comuns, cf. (3)).²⁸

- | | | |
|-----|--|-----------------------------|
| (1) | a. O projeto da tese foi inalterado. | [in+alterado] |
| | b. O acidente foi inesperado. | [in+esperado] |
| | c. Roberto era inconformado com seu pai. | [in+conformado] |
| | d. Sua atitude foi impensada. | [in+pensada] |
| | e. A ilha era inabitada. | [in+habitada] |
| | f. Suas preocupações são infundadas. | [in+fundadas] ²⁹ |

²⁸ Os dados são de Torres Morais (1988).

²⁹ Do mesmo modo, participios com o prefixo *i-/in-* não aceitam o progressivo e não coocorrem com advérbios como *entusiasticamente* (**A ilha foi sendo inexplorada/ *Os planos foram entusiasticamente inarticulados*). Participios passivos verbais ocorrem nesses dois contextos (*Os planos foram sendo articulados* ou *Os planos foram entusiasticamente articulados*).

- (2) a. As crianças do prédio são bastante **animadas**.
 a'. As crianças do prédio são muito **barulhentas**.
 b. Meus amigos andam **aborrecidos** comigo.
 b'. Meus amigos andam **contentes** com meu trabalho.
 c. O carro ficou amplamente **destruído** no acidente.
 c'. O carro ficou **novos** depois do conserto.
 d. Ricardo se considera mais **culpado** do que os outros.
 d'. Ricardo se considera mais **esperto** do que os outros.
- (3) a. Os livros **encomendados** já chegaram à biblioteca.
 a'. Os livros **novos** já chegaram à biblioteca.
 b. Carolina era uma velhinha **animada**.
 b'. Carolina era uma velhinha **moderna**.

Desse modo, os exemplos de (1) a (3) sugerem que os participios passivos podem ocorrer nos contextos morfológicos e sintáticos dos adjetivos. Os dados ilustram, inclusive, o fato de que os participios passivos, além de ocorrerem na posição predicativa e atributiva dos adjetivos, também flexionam em gênero e número, à semelhança dos adjetivos comuns. Observemos que os dados retirados de Torres Morais (1988) incluem o verbo *animar* (cf. (2a) e (3b)), que forma passiva adjetiva (além da verbal), e o verbo *aborrecer* (cf. (2b)), que pertence à subclasse de *preocupar*, admitindo, portanto, apenas a passiva adjetiva.

Diferentemente, os contextos sintáticos e morfológicos a seguir contêm participios passivos verbais, os quais, segundo a autora: não servem como base para a afixação do negativo *i-/in-* (cf. (4)); não ocorrem como complemento de verbos que indicam mudança de estado (cf. (5)); não coocorrem com modificadores de grau (que coocorrem com adjetivos, cf. (6) *versus* (7)), podem ser seguidos de expressões predicativas (cf. (8)):

- (4) a. *O campeonato de vôlei foi **indisputado** pela Seleção Brasileira.
 b. *Os problemas foram **irrefletidos** pelos alunos.
- (5) a. A preciosa jóia tornou-se **cobiçada** no mundo todo.
 a'. *A preciosa jóia tornou-se **vendida** no mundo todo.
 b. O livro ficou **conhecido** de todos.
 b'. *O livro ficou **comprado** em todos os lugares.

(6) *O grupo da Nitis foi $\left. \begin{array}{l} \text{muito} \\ \text{bastante} \\ \text{pouco} \\ \text{bem} \end{array} \right\}$ considerado bom pelos críticos teatrais

(7) O trabalho do grupo foi **considerado** muito bom pelos críticos teatrais.

(8) a. Patrícia é $\left. \begin{array}{l} \text{considerada} \\ \text{*feliz} \end{array} \right\}$ uma pianista admirável.

b. Quem foi $\left. \begin{array}{l} \text{nomeado} \\ \text{*esperto} \end{array} \right\}$ presidente deste país?

c. Raulzinho foi $\left. \begin{array}{l} \text{escolhido} \\ \text{*firme.} \end{array} \right\}$ chefe dos escoteiros mirins.

Observamos, em (5a), o dado com o verbo *cobiçar*, que pertence à subclasse de *temer*, a qual admite apenas a passiva verbal.

A autora acrescenta a esses fatos empíricos o da existência de contextos ambíguos em que é possível uma leitura dinâmica e uma leitura estativa dos participios passivos, o que considera como sendo outra evidência que permite afirmar que algumas passivas são verbais e outras adjetivais. Segundo ela, esses contextos são muito restritos e totalmente dependentes das propriedades semânticas dos verbos ativos que servem como base para a formação dos participios envolvidos. As sentenças em ‘a’ têm uma leitura dinâmica; as sentenças em ‘b’ têm uma leitura estativa:

(9) a. [O solo do Nordeste é **rachado**] pelo sol inclemente.

b. [O solo do Nordeste é **rachado**] em algumas regiões.

(10) a. [A carne era **congelada**] pela baixa temperatura.

b. [A carne era **congelada**] e não fresca.

(11) a. [Marisa era muito **assustada**] pela sua professora.

b. [Marisa era muito **assustada**] nos tempos de criança.

(12) a. [A janela era **quebrada**] pelos meninos da rua.

b. [A janela era **quebrada**] e entrava o frio da noite.

Nesse conjunto de exemplos, observamos os dados em (11), com o verbo *assustar*, que pertence à subclasse de *animar*, admitindo tanto a passiva verbal (11a) quanto a passiva adjetiva (11b).

Podemos assumir, adotando a análise de Torres Morais (1988), que a construção passiva verbal tem propriedades distintas da passiva adjetiva, e que essas propriedades têm relação com os traços lexicais dos verbos que servem de base para a formação dos participípios, os quais possibilitam uma leitura eventiva ou uma leitura estativa.

Para desenvolver a hipótese acima, vislumbramos duas possibilidades. A primeira é a de analisar a natureza da categoria gramatical de base do verbo e sua interação com o morfema de participípio. Em uma análise preliminar, que levou em conta os verbos prototípicos de cada subclasse, Naves (c.p.) observou que os verbos *temer/acalmar* tem uma contraparte nominal associada a suas formas (*temor e calma*). Já o verbo *preocupar* não tem uma contraparte nominal associada a sua forma; ao contrário, é a base para a formação do nome (*preocupação*). E *animar* se comporta ambigualmente: tem uma contraparte nominal associada a sua forma (*ânimo*) e é base para formação de nome (*animação*).³⁰ Os dados em (13) sintetizam (e cruzam) as informações sobre a categoria gramatical de base dos verbos psicológicos e seus comportamentos em construções passivas:

- (13) a. *Temer/Acalmar*
 Derivados de nomes [ok pass. verbal; *pass. adjetiva]
- b. *Preocupar*
 Primitivo (formador de nome) [* pass. verbal; ok pass. adjetiva]
- c. *Animar*
 Derivados de nomes [ok passiva verbal]
 Primitivo (formador de nome) [ok passiva adjetiva]

³⁰ Com o objetivo de comprovar essa hipótese, recorremos ao *corpus* de 300 verbos estudados por Cançado (1995) e analisamos os verbos quanto à sua categoria gramatical de base, cruzando essa informação com o comportamento dos verbos nas construções passivas. Elaboramos uma tabela como a que se segue:

Verbo/Subclasse	Categoria Gramatical de Base	Comportamento na Passiva
<i>Agradar/Temer</i>	agrado *agradamento/ *agração	ok pass. verbal (foi agrado) *pass. adjetiva (*ficou agrado)
<i>Acanhar/Preocupar</i>	*acanhamento acanhamento	* pass. verbal (*foi acanhado) ok pass. adjetiva (ficou acanhado)
<i>Aliviar/Animar</i>	alívio aliviamento/ alivição	ok pass. verbal (foi aliviado) ok pass. adjetiva (ficou aliviado)

A análise, entretanto, não resultou conclusiva, uma vez que dados de alguns verbos não demonstraram o resultado esperado. Deixamos, pois, essa tarefa para trabalhos futuros, pois ela necessita de um olhar mais detido, dada a diversidade de comportamento dos verbos estudados.

Curiosamente, os verbos prototípicos mostram que aqueles que são derivados de nomes formam passivas verbais, enquanto os que são primitivos (ou seja, dão origem a nomes) formam passivas adjetivas. Uma hipótese para explicar esse fato pode estar relacionada às propriedades do morfema de particípio passivo. Podemos imaginar que esse morfema, quando associado a verbos formados a partir de raízes nominais, tem o papel de convertê-las em particípios verbais (*calma*_N → (*foi*) *acalmado*_V). Já quando associado a verbos primitivos, esse morfema tem o papel de convertê-los em adjetivos (*preocupar*_V → (*ficar*) *preocupado*_{Adj}). Não trataremos, nesta dissertação, dos traços do morfema de particípio que produzem esse efeito, mas acreditamos que aí esteja um bom percurso para uma pesquisa futura.³¹

A segunda possibilidade é a de atribuir ao significado verbal uma propriedade semântica compatível com a leitura eventiva dos particípios verbais, em oposição à leitura estativa dos particípios adjetivos. Essa propriedade semântica pode ser, por exemplo, o traço [+ controle] do argumento externo, como proposto por Cançado (1995), ou a propriedade de afetação do argumento interno, discutida em Naves (2005) como sendo uma das propriedades relevantes para explicar o fenômeno da alternância sintática dos predicados psicológicos.³²

Observamos que a propriedade de afetação do argumento interno não oferece uma explicação adequada para o comportamento dos verbos psicológicos com relação à construção passiva, uma vez que agrupa os verbos da subclasse de *acalmar*, com os de *preocupar* e de *animar* (que têm o Experienciador, argumento afetado pela experiência psicológica, em posição de objeto, em oposição a *temer*, que projeta esse argumento em posição de sujeito). Já quanto à construção passiva, o que observamos é que *acalmar*, embora tenha um argumento interno com propriedades de afetação, licencia a passiva verbal, contrariando a previsão decorrente da hipótese de que o traço de afetação do argumento interno distingue verbos que licenciam a passiva adjetiva. Os fatos apresentados acima estão exemplificados nos dados a seguir, em que o argumento afetado está sublinhado:

³¹ Remetemos, entre outros, à tese de Medeiros (2008), que argumenta em favor da idéia de o morfema de particípio passivo no português ser subespecificado em termos dos seus traços morfossintáticos.

³² Agradecemos à professora Heloisa Salles (c.p.) por levantar essa possibilidade durante as comunicações orais nos eventos em que apresentamos a nossa pesquisa.

- (14) João teme o leão. [ok passiva verbal, *passiva adjetiva]
 a. O leão é temido por João.
 b. *O leão ficou temido com João.
- (15) A polícia acalma a multidão. [ok passiva verbal, *passiva adjetiva]
 a. A multidão foi acalmada pela polícia.
 b. *A multidão ficou acalmada pela polícia.
- (16) José **preocupa** Maria. [*passiva verbal, ok passiva adjetiva]
 a. *Maria é preocupada por João.
 b. Maria ficou preocupada com João.
- (17) O palhaço **anima** a criança. [ok passiva verbal, ok passiva adjetiva]
 a. A criança é animada pelo palhaço.
 b. A criança ficou animada com o palhaço.

Acreditamos, portanto, que o traço de afetação do argumento interno, embora possa ser relevante para explicar o fenômeno da alternância sintática dos predicados psicológicos, não é condição suficiente para dar conta dos fatos relativos à construção passiva. Quanto à proposta de Cançado (1995), que defende a ideia de que a gramaticalidade da construção passiva verbal depende fundamentalmente de que o argumento externo tenha a propriedade [+controle], acreditamos que ela seja compatível com a análise que vamos desenvolver em seguida, embora não precisemos assumir que [controle] seja necessariamente o traço abstrato que desencadeie a projeção da estrutura que vamos adotar para a passiva verbal.³³

Feitas essas discussões preliminares, passamos à proposição de uma estrutura sintática para a passiva verbal e para a adjetiva. Defendemos que a diferença entre essas duas construções está relacionada à projeção do núcleo funcional Voice, por sua vez relacionado ao licenciamento do argumento externo do predicado (ideia que adotamos de Collins (2005)). O núcleo funcional Voice é, na nossa análise, o *locus* da natureza causativa do processo verbal, que produz a leitura eventiva desse processo. A ausência do núcleo Voice na passiva adjetiva, por sua vez, é a razão da interpretação estativa desse processo verbal.

Essa análise está, a nosso ver, diretamente ligada à seleção dos auxiliares *ser* e *ficar* e à seleção das preposições *por* ou *com*, respectivamente, para passivas verbais e

³³ Para uma discussão sobre os efeitos do traço [controle] na caracterização das subclasses de verbos psicológicos, V. Naves (2005).

adjetivas, e é compatível com o que propõem Duarte e Oliveira (2010), a partir do trabalho de Embick (2004), que afirmam que, em verbos com uma única forma participial, essa forma é subespecificada quanto à distinção eventivo/resultativo. As autoras consideram que, nesse caso, são propriedades dos nós funcionais ou dos verbos flexionados que operam essa distinção, por meio das suas propriedades de seleção. Duarte e Oliveira (2010) representam tais propriedades em (18):

- (18) a. *ser* (auxiliar da passiva): seleciona como complemento uma projeção funcional VoiceP, cujo núcleo seleciona uma projeção funcional AspP com o traço [+Fient];³⁴
b. *ficar*: seleciona tipicamente como complemento uma projeção funcional AspP com o traço [+Fient].³⁵

De acordo com as autoras, a projeção VoiceP em (18a) explica as propriedades de agentividade que caracterizam os participios eventivos, sendo a projeção AspP responsável pelas propriedades de eventividade que os caracterizam. Já em (18b) a inexistência na representação sintática da projeção VoiceP implica ausência de agentividade e a presença de AspP capta as propriedades de eventividade dos participios resultativos.

Na nossa análise, essas propriedades dos verbos *ser* e *ficar*, conforme descritas por Duarte e Oliveira (2010) explicam por que as passivas verbais admitem uma leitura de agente implícito (em oposição às passivas adjetivas), e são compatíveis com o traço semântico [controle], conforme discutido anteriormente.

Uma questão que surge na representação é a de haver duas projeções funcionais, VoiceP e AspP. Acreditamos que a presença dessas projeções é motivada pela noção de bieventualidade: considera-se que há, nos predicados causativos, dois subeventos – o subevento causador e o subevento causado (Naves, 2005). Levin & Rappaport-Hovav (1995, *apud* Naves (2005)) representam, na estrutura léxico-conceitual dos verbos causativos, esses dois subeventos em termos dos predicados [CAUSE [BECOME]]. Na

³⁴ Para Embick (2004), [Fient] é um operador do tipo BECOME.

³⁵ Agradecemos o questionamento apresentado pelo Prof. Dr. Alessandro Boechat de Medeiros (c.p.) em relação à presença do núcleo funcional Asp como codificador do traço [+Fient]. Segundo o professor, na proposta de Embick (2004), citado por Duarte & Oliveira (2010), é o núcleo funcional *v* que codifica esse traço. Por ora, optamos por adotar integralmente a proposta de Duarte e Oliveira (2010) para a seleção categorial dos verbos auxiliares, conforme (18), mas registramos ciência em relação à necessidade de refletir mais profundamente sobre o papel dos núcleos funcionais Asp e *v*.

nossa análise, o núcleo Voice hospeda a noção de causatividade, representada pelo predicado CAUSE, e o núcleo Asp hospeda a noção de resultatividade, representada pelo predicado BECOME (ou pelo traço [+Fient], de acordo com Duarte & Oliveira (2010)).³⁶

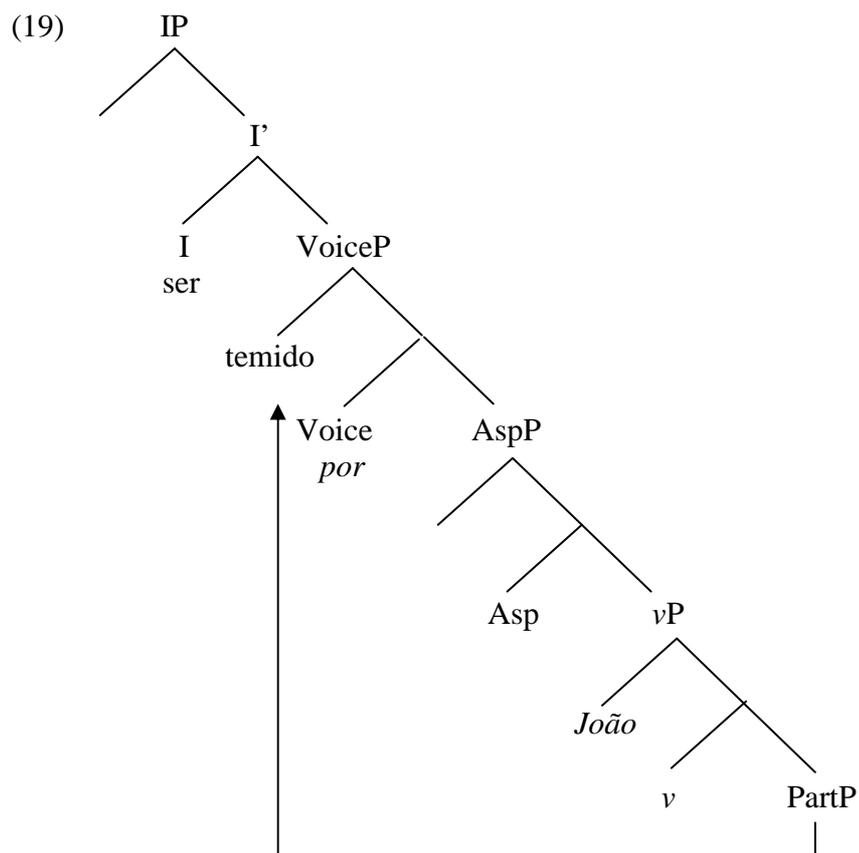
Sobre a preposição, adotamos a proposta de Collins (2005) de que a preposição *by* na passiva verbal está em VoiceP. Adotamos, ainda, seguindo Jaeggli (1986) e Boeckx (1998), a ideia de que a preposição é a expressão morfofonológica de traços da categoria funcional de que é núcleo, e defendemos que a preposição *com* na passiva adjetiva é a expressão morfofonológica da categoria funcional AspP.

Para o particípio, seguimos também a análise proposta em Collins (2005), sendo que na passiva verbal: o sintagma participial é movido para a posição de spec,VoiceP. E consideramos, por analogia, que, na passiva adjetiva, o sintagma participial se move para a posição de spec,AspP.

Propomos, então, a estrutura em (19) para a passiva verbal. Observamos (cf. nota 35) que estamos adotando a existência do núcleo Asp com base em Duarte e Oliveira (2010). VoiceP, nesse caso, é um núcleo funcional de natureza não argumental, passível de atrair o particípio como parte de um processo de checagem de traços específicos da construção passiva, em oposição à ativa – semelhantemente ao que foi proposto por Collins (2005).³⁸

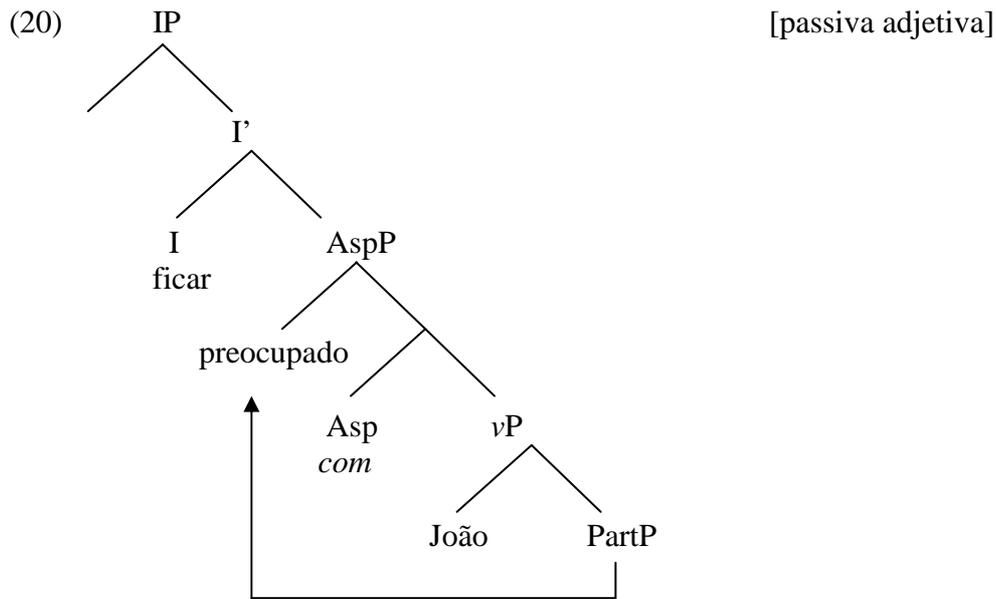
³⁶ A projeção AspP é adotada também por Naves (1998), para explicar a alternância sintática dos predicados psicológicos.

³⁸ Sobre o movimento de PartP até SpecVoiceP, cf. argumentação de Collins (2005) e Capítulo 2 (p. 42) desta dissertação.



Para a passiva adjetiva, adotamos a estrutura em (20). Ressaltamos que estamos considerando a seleção proposta por Duarte & Oliveira (2010) para o verbo auxiliar ficar. Não descartamos, entretanto, a possibilidade de que esse verbo receba um tratamento em termos de verbo semilexical, a exemplo do que propõe Alexiadou (2005) para o verbo *get* nas construções passivas, uma vez que o verbo *ficar*, no português, apresenta comportamento sintático distinto do verbo *ser*.³⁹

³⁹ Agradecemos ao Prof. Dr. Alessandro Boechat de Medeiros por esta observação (c.p.) e deixamos para uma investigação futura a análise do comportamento sintático do verbo *ficar* em oposição ao verbo *ser*.



Para concluir, lembramos que, na Introdução deste trabalho e no início deste capítulo, observamos que a distinção dos verbos psicológicos em três subclasses (*temer/acalmar*, *preocupar* e *animar*) de acordo com o comportamento que apresentam em relação à construção passiva se associa a duas outras propriedades dos predicados psicológicos: (i) a possibilidade de admitir *pro* arbitrário como sujeito e (ii) a possibilidade de permitir orações causativas perifrásticas (com uso do operador *fazer*). Consideramos ser possível explicar a correlação entre essas três propriedades a partir das estruturas propostas. Esboçamos a seguir hipóteses preliminares para essa correlação, as quais deixamos para desenvolver em trabalhos futuros.

Primeiramente, com relação à interpretação de *pro* arbitrário, que é possível com predicados que formam passiva verbal, mas não com predicados que formam passiva adjetiva, recordamos que, segundo Boeckx (1998), a alteração da morfologia verbal, que é o único traço que caracteriza a estrutura passiva, permite que o sujeito lógico (argumento externo) permaneça encoberto (semelhantemente ao sujeito nulo (*pro-drop*)). Esse fato, segundo a nossa análise, está associado ao papel do núcleo Voice na passiva verbal, de modo a possibilitar a projeção do argumento externo, quer seja como complemento da preposição *by*, quer seja como uma categoria vazia (*pro*), complemento de uma preposição nula. Essa formalização explica por que um argumento implícito é interpretado na passiva verbal. Na passiva adjetiva, por outro lado, o argumento externo não é interpretado (cf. Alexiadou (2005)), e a nossa explicação para isso é a ausência da projeção VoiceP.

No mesmo sentido, as causativas perifrásticas estão correlacionadas aos outros dois testes pelo fato de na construção causativa perifrástica haver a interpretação de dois causadores (o causador direto e o indireto, como em *João fez Maria animar José com seus incentivos*), o que teria de ser representado por dois núcleos funcionais Voice. A previsão se confirma no sentido de que as subclasses que admitem a passiva verbal também admitem a formação de causativa perifrástica. A formação de causativas perifrásticas com verbos que só admitem a construção passiva adjetiva estaria relacionada à ausência do núcleo Voice na estrutura encaixada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemo-nos, nesse estudo, a analisar, adotando o referencial teórico da Gramática Gerativa, as propriedades sintáticas e semânticas das construções passivas (verbais e adjetivas) com verbos psicológicos. Os verbos psicológicos têm sido descritos na literatura como uma classe semântica de predicados que traz um conjunto de comportamentos particulares em relação a certos fenômenos gramaticais, entre os quais a construção passiva. Embora muitos desses comportamentos não se restrinjam à classe semântica dos verbos psicológicos, estudá-los em particular pode oferecer subsídios para entender o funcionamento das gramáticas das línguas naturais.

A partir do referencial teórico adotado – principalmente a hipótese do Programa Minimalista de que os traços são responsáveis pela derivação sintática das sentenças de uma língua –, procuramos identificar propriedades lexicais dos verbos que estão relacionadas ao licenciamento da construção passiva verbal e/ou da adjetiva.

Na nossa análise, consideramos que a projeção funcional VoiceP nas construções passivas verbais é determinante para a interpretação eventiva do processo verbal, assim como para a explicação quanto à interpretação causativa dos predicados psicológicos e à interpretação de um argumento externo implícito nas passivas verbais, além de corroborar o trabalho de Duarte e Oliveira (2010) quanto às propriedades seletivas dos verbos auxiliares *ser* e *ficar*. A ausência da projeção funcional VoiceP nas passivas adjetivas, por outro lado, determina a interpretação estativa do processo verbal, explica por que não se interpreta um argumento externo implícito e por que o participios recebem interpretação de resultado nessas construções.

Consideramos que este trabalho foi capaz de contribuir, ainda que prematuramente, para as discussões sobre o comportamento sintático dos verbos psicológicos (identificando as suas propriedades em construções passivas) e sobre as construções passivas, refletindo também sobre a relação entre léxico e sintaxe na perspectiva gerativista dos estudos da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXIADOU, A. 2005. A note on non-canonical passives: the case of the *get*-passive. In Hans Broekhuis, Norbert Corver, Riny Huybregts, Ursula Kleinhenz, & Jan Koster (eds.) *Organizing Grammar: Linguistic Studies in Honor of Henk van Riemsdijk*, Berlin: Mouton de Gruyter.
- ALEXIADOU, A. and Anagnostopoulou. 2005. *On the syntax and morphology of Greek participles*. Paper presented at the workshop on the Morphosyntax of Modern Greek. LSA Harvard University, July 2005.
- ARAD, Maya. 1998. *VP-Structure and the Syntax-Lexicon Interface*. Tese de Doutorado. London: University College.
- ARCE-ARENALES, M., M. Axelrod and B. Fox. 1994. Active voice and middle diathesis: A cross-linguistic perspective. In *Voice: Form and Function*, ed. by Barbara Fox and Paul Hopper. Amsterdam: John Benjamins.
- BAKER, M. 1998a. *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: University of Chicago Press.
- BAKER, M., JOHNSON, K. & ROBERTS, I. 1998. Passive Arguments Raised. *Linguistic Inquiry* 20 (2), pp. 219-252.
- BELLETTI, A. & RIZZI, L. 1988. Psych-verbs and theta-theory. *Natural Language & Linguistic Theory* 6, pp. 291-352.
- BELLETTI, A. & RIZZI, L. 1992. Notes on psych-verbs, theta-theory and binding. In: FREIDIN, R. (org.) *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge, Massachusetts, MIT Press.
- BELLETTI, A. & RIZZI, L. 2006. Uma entrevista sobre o Minimalismo. In: CHOMSKY, Noam. *Sobre natureza e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BENNIS, H. 2004. Unergative Adjectives and Psych Verbs. In: ALEXIADOU, A., ANAGNOSTOPOULOU, E. & EVERAERT, M. *The Unaccusativity Puzzle: Explorations of the Syntax-Lexicon Interface*. Oxford: Oxford University Press.
- BOECKX, C. 1998. *A Minimalist View on the Passive*. Working Papers in Linguistic. Occasional Papers 2. University of Connecticut.

- BORER, H. 1984. The Projection Principle and Rules of Morphology, in C. Jones and P. Sells, eds., *Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of NELS, GLSA*, University of Massachusetts, 16-33.
- BOUCHARD, D. 1995. *The Semantics of Syntax*. Chicago: University of Chicago Press.
- BRESNAN, J. 1982. The Passive in Lexical Theory, in J. Bresnan, ed. (1982a), 3-86.
- BURZIO, L. 1981. *Intransitive Verbs and Italian Auxiliaries*. Dissertação de Doutorado. Cambridge, MIT Press.
- CANÇADO 1995. *Verbos Psicológicos: A Relevância dos Papéis Temáticos Vistos sob a Ótica de uma Semântica Representacional*. Tese (Doutorado em Linguística). Unicamp, Campinas.
- CHAPPELL, Hilary. 1980. Is the get-passive adversative? *Papers in Linguistics* 13, pp. 411-452.
- CHOMSKY, Noam. 1957. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton. 1957.
- CHOMSKY, Noam. 1965. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: the MIT Press.
- CHOMSKY, Noam. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, The Netherlands: Foris.
- CHOMSKY, Noam. 1986. *Knowledge of Language*. Praeger: New York.
- CHOMSKY, Noam. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge Mass: MIT Press.
- CHOMSKY, Noam. 1998. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- CHOMSKY, Noam. 2001. "Beyond Explanatory Adequacy". *MIT Occasional Papers in Linguistics*, vol. 20. Cambridge, MA: MITWPL.
- COLLINS, C. 2005. A Smuggling Approach to the Passive in English. *Syntax*, 8.2., pp. 81-120.
- CORVER, N. and Henk van Riemsdijk. 2001. (eds) *Semi-lexical categories: the function of content words and the content of function words*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- DORON, Edit and Malka Rappaport-Hovav. 1991. Affectedness and externalization. *Proceedings of NELS* 21, pp. 81-94.
- DUARTE, I. & OLIVEIRA, F. Participios Resultativos. *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto, APL, 2010, pp. 397-408.

- EMBICK, David. 2003. Locality, listedness and morphological identity. *Studia Linguistica* 57, pp. 143-169.
- EMBICK, David. 2004. 'On the structure of resultative participles in English'. *Linguistic Inquiry*, v. 35, pp. 355–392.
- EMONDS, Joe. 1999. *The flat structure expression of semi-lexical heads*. Handout for the Conference on Semi-Lexical Heads. Tilburg, May 1999.
- FLEISHER, Nicholas. 2004. *The origin of passive get*. Ms., University of California, Berkeley.
- FLEISHER, Nicholas 2008. Passive *get*, causative *get*, and the phasehood of passive vP. In *Proceedings of CLS 41 (2005)*. Chicago: Chicago Linguistic Society.
- FOX, Danny & Yosef Grodzinsky. 1998. 'Children's passive: a view from the *by*-phrase'. *Linguistic Inquiry* 29, pp. 311-332.
- GIVÓN, T. and L. Yang. 1994. The rise of the English *get*-passive. In *Voice: Form and Function*, ed. by Barbara Fox and Paul Hopper, pp. 119-150. Amsterdam: John Benjamins.
- GRIMSHAW, J. 1990. *Argument Structure*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- HAEGEMAN, Liliane. 1985. The *get*-passive and Burzio's generalization. *Lingua* 66, pp. 53-77.
- HAEGEMAN, L. 1994. *Introduction to Government & Binding Theory*. Oxford: Blackwell.
- HAIDER, Hubert. 2001. Heads and selection. In *Semi-lexical categories: the function of content words and the content of function words*, ed. by Norbert Corver and Henk van Riemsdijk, pp. 67-96. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- HALE, K. & KEYSER, S. 1998. The Basic Elements of Argument Structure. In: *MITWPL 32*, Cambridge, Massachusetts: MIT.
- HARLEY, Heidi. 2004. Wanting, having and getting. *Linguistic Inquiry* 35, pp. 355-392.
- HATCHER, Anna Granville. 1949. To *get*/be invited. *Modern Language Notes* 64, pp. 433–446.
- HORNSTEIN, Norbert. NUNES, Jairo; & GROHMANN, Kleanthes. 2005. *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- JAEGGLI, O. A. 1986. Passive. *Linguistic Inquiry* 17 (4), pp. 587-622.
- KRATZER, Angelika. 2001. Building Statives. In *Proceedings of the Berkeley Linguistics Society* 26.

- LADUSAW, William. 1994. Thetic and categorical, stage and individual, weak and strong. In M. Harvey and L. Santelmann (eds.), *Proceedings of SALT 4*, pp. 220–229. Ithaca: Cornell University, CLC Publications.
- LEVIN, Beth & M. RAPPAPORT-HOVAV. 1986. The formation of adjectival passives. *Linguistic Inquiry* 17, pp. 623-661.
- LOBATO, Lucia Maria Pinheiro. 1986. *Sintaxe gerativa do português: Da teoria padrão a teoria da regência e ligação*. Belo Horizonte: Vigília.
- LUNGUINHO, M. 2005. *A Ordem dos Verbos Auxiliares: uma Análise em Termos de Traços*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB.
- MARANTZ, Alec. 1984. *On the Nature of Grammatical Relations*. Cambridge: MIT Press.
- MCINTYRE, Andrew. 2005. *Aspects of the grammar of get*. Ms. University of Leipzig.
- MEDEIROS, A. 2008. *Traços Morfossintáticos e Subespecificação Morfológica na Gramática do Português: Um Estudo das Formas Participiais*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ.
- MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. 2007. *Novo manual de sintaxe*. 3. ed. Florianópolis: Insular.
- NAVES, R. 1998. Aspectos Sintáticos e Semânticos das Estruturas com Verbos Psicológicos. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB.
- NAVES, R. 2005. *Alternâncias Sintáticas: Questões, Perspectivas de Análise*. Tese de Doutorado. Brasília: UnB.
- NEGRÃO, Esmeralda; SCHER, Ana; VIOTTI, Evani. 2005. A competência linguística. In: FIORIN, J. L. (org.) *Introdução à linguística* (vol. 2). 4. ed. São Paulo: Contexto.
- PERINI, Mario A. 2006. *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola.
- PERLMUTTER, D. & POSTAL, P. M. 1984. *The I-advancement exclusiveness law*. In: PERLMUTTER, D. & ROSEN, C. (eds.) *Studies in Relation Grammar 2*. Chicago: University of Chicago Press.
- PESETSKY, David. 1995. *Zero Syntax: Experiencers and Cascades*. Cambridge, MA: MIT Press.
- PIRES, A. M. G. 1996. *As formas V-DO no Português do Brasil: características sintáticas e semânticas*. Dissertação de Mestrado, UnB.

- PYLKKÄNEN, Liina. 2002. *Introducing Arguments*. Tese de doutorado, MIT.
- RAPOSO, Eduardo. 1998. *Teoria da Gramática – A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho.
- REINHART, T. 2001. Experiencing Derivations. In: HASTINGS, R., JACKSON, B. & ZVOLENSKY, Z. (eds.) *Proceedings from Semantics and Linguistic Theory*. Ithaca, NY: CLC Publications.
- ROBERTS, Ian. 1997. *Comparative Syntax*. London: Arnold.
- SALLES, H. & NAVES, R. 2009. O estatuto da preposição 'com' em construções com alternância sintática. *Polifonia* (UFMT), v. 17, pp. 9-27.
- SALLES, H. & NAVES, R. (org.) 2010. *Estudos gerativos de Língua de Sinais Brasileira e de aquisição do Português (L2) por surdos*. Goiânia: Cãnone Editorial.
- SIEWIERSKA, Anna. 1984. *The Passive: a comparative linguistic analysis*. London: Croom Helm.
- SUSSEX, Roland. 1982. A note on the *get*-passive construction. *Australian Journal of Linguistics* 2, pp. 83–92.
- TARANTO, Gina. 2000. *Causative and passive get: and event structure analysis*, ms. University of California, San Diego.
- TARANTO, Gina. 2004. *An event structure analysis of causative and passive get*. Manuscript. University of California, San Diego.
- TORRES MORAIS, Maria Aparecida C.R. 1988. *A passivação no português: uma abordagem léxico-funcional*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR.
- VAN RIEMSDIJK, Henk. 1998. Categorical feature magnetism: the endocentricity and distribution of projections. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics* 2, pp. 1-48.
- WASOW, Thomas. 1977. “Transformations and the Lexicon”. In *Formal Syntax*, Peter Culicover, Thomas Wasow and Adrian Akmajian (eds.). New York: Academic Press.
- WILLIAMS, E. 1981. Argument Structure and Morphology, *The Linguistic Review* 1, 81-114.

APÊNDICE

Lista dos verbos psicológicos analisados (com base em Cançado (1995)).

1. ABALAR
2. ABISMAR
3. ABOMINAR
4. ABORRECER
5. ABRANDAR
6. ACABRUNHAR
7. ACALMAR
8. ACANHAR
9. ACORVADAR
10. ADMIRAR 1
11. ADMIRAR
12. ADORAR
13. AFETAR
14. AFLIGIR
15. AGITAR
16. AGONIAR
17. AGRADAR
18. AGUENTAR
19. ALARMAR
20. ALEGRAR
21. ALIVIAR
22. ALMEJAR
23. ALTERAR
24. ALUCINAR
25. AMAR
26. AMARGAR
27. AMARGURAR
28. AMBICIONAR
29. AMEAÇAR
30. AMEDRONTAR
31. AMOLAR
32. ANGUSTIAR
33. ANIMAR
34. ANIQUILAR
35. APAIXONAR
36. APAVORAR
37. APAZIGUAR
38. APIEDAR
39. APLACAR
40. APOQUENTAR
41. APORRINHAR
42. APRECIAR
43. ASSOMBRAR
44. ASSUSTAR
45. ATAZANAR
46. ATEMORIZAR
47. ATERRORIZAR
48. ATICAR
49. ATORDOAR
50. ATORMENTAR
51. ATURAR
52. ATURDIR
53. AZUCRINAR
54. BARATINAR
55. CANSAR
56. CATIVAR
57. CHATEAR
58. CHOCAR
59. COBIÇAR
60. COMOVER
61. CONDOER
62. CONFORTAR
63. CONFUNDIR
64. CONQUISTAR
65. CONSOLAR
66. CONSTRANGER
67. CONTAGIAR
68. CONTEMPLAR
69. CONTENTAR
70. CONTRARIAR
71. CONVENCER
72. CURTIR
73. DECEPCIONAR
74. DELEITAR
75. DELICIAR
76. DEPRECIAR
77. DEPRIMIR
78. DERROTAR
79. DESAGRADAR
80. DESALENTAR
81. DESANIMAR
82. DESAPONTAR
83. DESAPRECIAR
84. DESAPRUMAR
85. DESASSOSEGAR
86. DESATINAR
87. DESCANSAR
88. DESCONCERTAR
89. DESCONSOLAR
90. DESCONTENTAR
91. DESCONTRAIR
92. DESCONTROLAR
93. DESEJAR
94. DESENCANTAR
95. DESENCORAJAR
96. DESENGANAR
97. DESESPERANÇAR
98. DESESPERAR
99. DESESTIMULAR
100. DESESTRUTURAR
101. DESFRUTAR
102. DESGOSTAR
103. DESILUDIR
104. DESINIBIR

105.DESINTERESSAR
106.DESLUMBRAR
107.DESNORTEAR
108.DESOPRIMIR
109.DESORIENTAR
110.DESPREOCUPAR
111.DESPRESTIGIAR
112.DESPREZAR
113.DETESTAR
114.DISTRAIR
115.DIVERTIR
116.EMBANANAR
117.EMBARAÇAR
118.EMBRIAGAR
119.EMBROMAR
120.EMBRULHAR
121.EMBRUTECECER
122.EMOCIONAR
123.ENAMORAR
124.ENCABULAR
125.ENCANTAR
126.ENCIUMAR
127.ENCOLERIZAR
128.ENCORAJAR
129.ENERVAR
130.ENFADAR
131.ENFARAR
132.ENFASTIAR
133.ENFATUAR
134.ENFEITIÇAR
135.ENFEZAR
136.ENFURECER
137.ENGANAR
138.ENLEVAR
139.ENLOUQUECER
140.ENOJAR
141.ENRAIVECER
142.ENRASCAR
143.ENTEDIAR
144.ENTERNECER
145.ENTRISTECER
146.ENTUSIASMAR
147.ENVAIDECER
148.ENVERGONHAR
149.ENVOLVER
150.ESCANDALIZAR
151.ESPANTAR
152.ESTARRECER
153.ESTIMAR
154.ESTIMULAR
155.ESTONTEAR
156.ESTRANHAR
157.ESTREMECER
158.EXASPERAR
159.EXCITAR
160.EXECRAR
161.EXTASIAR
162.FASCINAR
163.FERIR
164.FLAGELAR
165.FORTALECER
166.FRUSTRAR
167.GOZAR
168.GRILAR
169.HONRAR
170.HORRIPILAR
171.HORRORIZAR
172.HOSTILIZAR
173.HUMILHAR
174.IDOLATRAR
175.ILUDIR
176.ILUMINAR
177.IMPACIENTAR
178.IMPORTUNAR
179.IMPRESSIONAR
180.INCENDIAR
181.INCENTIVAR
182.INCITAR
183.INCOMODAR
184.INDIGNAR
185.INEBRIAR
186.INFLUENCIAR
187.INIBIR
188.INQUIETAR
189.INSTIGAR
190.INTIMIDAR
191.INTRANQUILIZAR
192.INTRIGAR
193.INVEJAR
194.IRAR
195.IRRITAR
196.JOVIALIZAR
197.LIQUIDAR
198.LISONJEAR
199.LOUVAR
200.LIDIBRIAR
201.MACHUCAR
202.MAGNETIZAR
203.MAGOAR
204.MALQUERER
205.MARAVILHAR
206.MARTIRIZAR
207.MELINDRAR
208.MENOSPREZAR
209.MIMAR
210.MODIFICAR
211.MORTIFICAR
212.MOTIVAR
213.NAMORAR
214.NAUSEAR
215.OBCECAR
216.ODIAR
217.OFENDER
218.OPRIMIR
219.ORGULHAR
220.ORICAR
221.PACIFICAR
222.PARALIZAR
223.PASMAR
224.PENALIZAR

225. PERDOAR
226. PERTURBAR
227. PIRAR
228. PREOCUPAR
229. PRESTIGIAR
230. PREZAR
231. PROVOCAR
232. PURIFICAR
233. QUERER
234. QUIETAR
235. REABILITAR
236. REANIMAR
237. REATIÇAR
238. REAVIVAR
239. REBELAR
240. RECALCAR
241. RECEAR
242. RECONFORTAR
243. REGALAR
244. REGENERAR
245. REGOZIJAR
246. REJEITAR
247. REJUBILAR
248. RELAXAR
249. REPELIR
250. REPRIMIR
251. REPUDIAR
252. REPUGNAR
253. RESPEITAR
254. RETRAIR
255. REVERENCIAR
256. REVITALIZAR
257. REVOLTAR
258. RIDICULARIZAR
259. RUBORIZAR
260. SACIAR
261. SATISFAZER
262. SATURAR
263. SEDUZIR
264. SENSIBILIZAR
265. SENTIMENTALIZAR
266. SERENAR
267. SOBRESSALTAR
268. SOSSEGAR
269. SUAVIZAR
270. SUBESTIMAR
271. SUBJUGAR
272. SUBLIMAR
273. SUFOCAR
274. SUGESTIONAR
275. SUPERESTIMAR
276. SUPLICAR
277. SUPORTAR
278. SURPREENDER
279. SUSCETIBILIZAR
280. TAPEAR
281. TEMER
282. TENTAR
283. TIRANIZAR
284. TOCAR
285. TOLERAR
286. TONTEAR
287. TOPAR
288. TORTURAR
289. TRANQUILIZAR
290. TRANSFIGURAR
291. TRANSFORMAR
292. TRANSTORNAR
293. TRAUMATIZAR
294. TRITURAR
295. TUMULTUAR
296. UFANAR
297. ULTRAJAR
298. VENERAR
299. VERGAR
300. VEXAR

Lista de construções passivas adjetivas (sentenças em ‘a’) e verbais (sentenças em ‘b’)
com verbos psicológicos (*corpus* retirado de Cançado (1995)).

1. ABALAR
 - a. O povo carioca ficou abalado com o comportamento de Brizola.
 - b. * O povo carioca foi abalado por Brizola.
2. ABISMAR
 - a. Os turistas ficaram abismados com a proeza do canoeiro.
 - b. * Os turistas foram abismados pelo canoeiro.
3. ABOMINAR
 - a. *José ficou abominado com Maria.
 - b. José foi abominado por Maria.
4. ABORRECER
 - a. A plateia ficou aborrecida com o assunto do apresentador.
 - b. * A plateia foi aborrecida pelo apresentador.
5. ABRANDAR
 - a. * O tenente ficou abrandado com a moça.
 - b. O tenente foi abrandado pela moça.
6. ACABRUNHAR
 - a. Os colonos ficaram acabrunhados com Plácido.
 - b. * Os colonos foram acabrunhados por Plácido.
7. ACALMAR
 - a. *A multidão ficou acalmada com a polícia.
 - b. A multidão foi acalmada pela polícia.
8. ACANHAR
 - a. O rapaz ficou acanhado com o decote exagerado da moça.
 - b. * O rapaz foi acanhado pela moça.
9. ACORVADAR
 - a. Os assaltantes ficaram acovardados com a chegada do homem.
 - b. Os assaltantes foram acovardados pelo homem.
10. ADMIRAR 1
 - a. * O professor ficou admirado com os alunos. (outro sentido)
 - b. O professor foi admirado pelos alunos.
11. ADMIRAR
 - a. Luis ficou admirado com José. (com o berro de José).
 - b. * Luis foi admirado pelo berro de José.
12. ADORAR
 - a. *Morangos ficaram adorados com Maria.
 - b. Os morangos são adorados por Maria.
13. AFETAR
 - a. Simone ficou afetada com Antero. (com a estória de Antero)
 - b. * Simone ficou afetada por Antero.
14. AFLIGIR
 - a. O marido de Paula ficou aflito (afligido) com as suspeitas de Paula.
 - b. * O marido foi afligido (aflito) pelas suspeitas.
15. AGITAR
 - a. A prima ficou agitada com as promessas de Basílio.
 - b. * A prima foi agitada pelas promessas de Basílio.
16. AGONIAR
 - a. A população ficou agoniada com as aparições do monstro.
 - b. * A população foi agoniada pelo monstro.
17. AGRADAR
 - a. ? José ficou agradado com os elogios de Maria.
 - b. José foi agradado por Maria.
18. AGUENTAR
 - a. * Maria ficou aguentada com José.
 - b. Maria era aguentada por José.

19. ALARMAR
 - a. A população ficou alarmada com as notícias do governo.
 - b. A população foi alarmada pelo governo.
20. ALEGRAR
 - a. ? Os convidados ficaram alegres com a banda de música.
 - b. ? Os convidados foram alegrados por Paulo.
21. ALIVIAR
 - a. Maria ficou aliviada com as atenções de Paulo.
 - b. Maria foi aliviada por Paulo.
22. ALMEJAR
 - a.* Um bom emprego ficou almejado com todos.
 - b. Um bom emprego foi almejado por todos.
23. ALTERAR
 - a. Maria ficou alterada com a chegada de Paulo.
 - b. * Maria foi alterada por Paulo.
24. ALUCINAR
 - a. Maria ficou alucinada com a paixão de Paulo.
 - b. * Maria foi alucinada por Pedro.
25. AMAR
 - a. * Maria ficou amada com Paulo.
 - b. Maria foi amada por Paulo.
26. AMARGAR
 - a. O amigo ficou amargo com a inveja de Paulo.
 - b. * As pessoas foram amargadas por Paulo.
27. AMARGURAR
 - a. Maria ficou amargurada com as loucuras de Paulo.
 - b. * Maria foi amargurada por Paulo.
28. AMBICIONAR
 - a.* A Serra Branca ficou ambicionada com o ouro.
 - b. A Serra Branca foi ambicionada por todo mundo.
29. AMEAÇAR*
 - a. O presidente ficou ameaçado com as denúncias do ministro.
 - b. O presidente foi ameaçado pelo ministro.
30. AMEDRONTAR
 - a. As crianças foram amedrontadas com o uivo do urso.
 - b. As crianças foram amedrontadas pelo monstro.
31. AMOLAR
 - a. Tia Maria ficou amolada com Tinoco.
 - b. * Tia Maria foi amolada por Tinoco.
32. ANGUSTIAR
 - a. Maria ficou angustiada com as inquietações de João.
 - b. * Maria foi angustiada por João.
33. ANIMAR
 - a. José ficou animado com os argumentos de Maria.
 - b. José foi animado por Maria.
34. ANIQUILAR
 - a. O paciente ficou aniquilado com o diagnóstico do médico.
 - b. * O paciente foi diagnosticado pelo médico.
35. APAIXONAR
 - a. O rapaz ficou apaixonado com o sorriso da moça.
 - b. * O rapaz foi apaixonado pela moça.
36. APAVORAR
 - a. Os índios ficaram apavorados com as armas dos brancos.
 - b. Os índios foram apavorados pelos brancos.
37. APAZIGUAR
 - a. * Os cães enfurecidos ficaram apaziguados com José.
 - b. Os cães foram apaziguados por José.
38. APIEDAR
 - a. Os passantes ficaram apiedados com a miséria dos meninos.
 - b. * Os passantes foram apiedados pelos meninos.

39. APLACAR
a. * Os selvagens ficaram aplacados com os portugueses.
b. Os selvagens foram aplacados pelos portugueses.
40. APOQUENTAR
a. Os animais ficavam apoquentados com os gritos da mulher.
b. * Os animais foram apoquentados pelos gritos da mulher.
41. APORRINHAR
a. Os cavalos ficaram aporrinhados com os gritos do vaqueiro.
b. * Os cavalos foram aporrinhados pelo vaqueiro.
42. APRECIAR
a. * Maria ficou apreciada por José.
b. Maria foi apreciada por José.
43. ASSOMBRAR
a. As crianças ficaram assombradas com os gritos da louca.
b. As crianças foram assombradas pela louca.
44. ASSUSTAR
a. O povo ficou assustado com as medidas do governo.
b. O povo foi assustado pelo governo.
45. ATAZANAR
a. A moça ficou atazanada com as propostas de José.
b. * A moça foi atazanada por José.
46. ATEMORIZAR
a. As pessoas ficaram atemorizadas com a arma do bandido.
b. As pessoas foram atemorizadas pelo bandido.
47. ATERRORIZAR
a. Lina ficou atemorizada com os telefonemas do assaltante.
b. Lina foi aterrorizada pelo assaltante.
48. ATIÇAR
a. O povo ficou atiçado com a chegada dos estrangeiros.
b. O povo foi atiçado pelos estrangeiros.
49. ATORDOAR
a. A cidade ficou atordoada com os crimes da quadrilha.
b. * A cidade foi atordoada pela quadrilha.
50. ATORMENTAR
a. A moça ficou atormentada com as ameaças dos pais.
b. A moça foi atormentada pelos pais.
51. ATURAR
a. * O marido não ficou aturado.
b. O marido não era aturado pela mulher.
52. ATURDIR
a. O povo ficou aturdido com o governo.
b. * O povo foi aturdido pelo governo.
53. AZUCRINAR
a. A nação ficou azucrinada com as bandalheiras do governo.
b. * A nação foi azucrinada pelo governo.
54. BARATINAR
a. Os pais ficaram baratinados com tamanha algazarra das crianças.
b. * Os pais foram baratinados pelas crianças.
55. CANSAR
a. Maria ficou cansada com as queixas de João.
b. * Maria foi cansada por João.
56. CATIVAR
a. O jovem ficou cativado com o encanto da moça.
b. O jovem foi cativado pela moça.
57. CHATEAR
a. O amigo ficou chateado com as queixas de Pedro.
b. * O amigo foi chateado por Pedro.
58. CHOCAR
a. A plateia ficou chocada com a atuação da atriz.
b. * A plateia foi chocada pela atriz.

59. COBIÇAR
a. * Aquele cargo ficou cobiçado com muitos.
b. Aquele cargo foi cobiçado por muitos.
60. COMOVER
a. Os deputados ficaram comovidos com a passeata do povo.
b. * Os deputados foram comovidos pelo povo.
61. CONDOER
a. Os turistas ficaram condoídos com a miséria das crianças.
b. * Os turistas foram condoídos pelas crianças.
62. CONFORTAR
a. Os fiéis ficaram confortados com as palavras do padre.
b. Os fiéis foram confortados pelo padre.
63. CONFUNDIR
a. Silvia ficou confusa/confundida com as armadilhas de Laércio.
b. Silvia foi confundida por Laércio.
64. CONQUISTAR
a. * A vila ficou conquistada com Cordeiro.
b. A vila foi conquistada por Cordeiro.
65. CONSOLAR
a. A viúva ficou consolada com a presença do amigo.
b. A viúva foi consolada pelo amigo.
66. CONSTRANGER
a. Os alunos ficaram constrangidos com o silêncio do professor.
b. * Os alunos foram constrangidos pelo silêncio do professor.
67. CONTAGIAR
a. José ficava contagiado com a alegria de Maria.
b. * José era contagiado por Maria.
68. CONTEMPLAR
a. * A mãe ficou contemplada por Maria.
b. A mãe foi contemplada por Maria.
69. CONTENTAR
a. Mauro ficou contente (contentado) com a promoção.
b. * Mauro foi contemplado pelo patrão.
70. CONTRARIAR
a. Todos ficaram contrariados com a decisão do ministro.
b. Todos foram contrariados pelo ministro.
71. CONVENCER
a. * O povo ficou convencido com a oposição.
b. O povo foi convencido pela oposição.
72. CURTIR
a. * O namorado ficou curtido com Lígia.
b. O namorado foi curtido por Lígia.
73. DECEPCIONAR
a. O povo ficou decepcionado com as mentiras do governo.
b. * O povo foi decepcionado pelo governo.
74. DELEITAR
a. As crianças ficaram deleitadas com os casos de tio Pedro.
b. * As crianças foram deleitadas pelos casos de tio Pedro.
75. DELICIAR
a. Os adultos ficaram deliciados com as peraltices de Lea.
b. * Os adultos foram deliciados por Lea.
76. DEPRECIAR
a. * Os nossos produtos ficam depreciados com os estrangeiros.
b. Os nossos produtos são depreciados pelos estrangeiros.
77. DEPRIMIR
a. Maria ficou deprimida com as lamentações de Pedro.
b. Maria foi deprimida por Pedro.
78. DERROTAR
a. * O presidente ficou derrotado pelo povo.
b. O presidente foi derrotado pelo povo.

79. DESAGRADAR
a. ? O mestre ficou desagradado com o comportamento dos alunos.
b. * O mestre foi desagradado pelos alunos.
80. DESALENTAR
a. O povo ficou desalentado com o governo.
b. * O povo foi desalentado pelo governo.
81. DESANIMAR
a. Tomas ficou desanimado com o silêncio de Seu Geraldo.
b. * Tomas foi desanimado pelo silêncio de seu Geraldo.
82. DESAPONTAR
a. Mirtes ficou desapontada com a indiferença de Chico.
b. * Mirtes foi desapontada por Chico.
83. DESAPRECIAR
a. * Os cães ficaram desapreciados com Rubião.
b. Os cães são desapreciados por Rubião.
84. DESAPRUMAR
a. O governador ficou desaprumado com as perguntas do repórter.
b. * O governador foi desaprumado pelo repórter.
85. DESASSOSSEGAR
a. As irmãs ficaram desassossegadas com os beliscões do menino.
b. * As irmãs foram desassossegadas pelo menino.
86. DESATINAR
a. Paulo ficou desatinado com as extravagâncias de Madalena.
b. * Paulo foi desatinado por Madalena.
87. DESCANSAR
a. O governo ficou descansado com o fim das greves dos operários.
b.* O governo foi descansado pelo fim das greves.
88. DESCONCERTAR
a. O júri ficou desconcertado com a frieza do candidato.
b. * O júri foi desconcertado pelo candidato.
89. DESCONSOLAR
a. Maria ficou desconsolada com as atitudes de Paulo.
b. * Maria foi desconsolada por Paulo.
90. DESCONTENTAR
a. Os professores ficaram descontentes com a autoritarismo do diretor.
b. * Os professores foram descontentes pelo diretor.
91. DESCONTRAIR
a. As pessoas ficaram descontraídas com a maneira alegre de Iara.
b. * A pessoas foram descontraídas por Iara.
92. DESCONTROLAR
a. O presidente ficou descontrolado com as manifestações do povo.
b. * O presidente foi descontrolado pelo povo.
93. DESEJAR
a. * Dinheiro ficou desejado com José.
b. Dinheiro era desejado por José.
94. DESENCANTAR
a. Maria ficou desencantada com as trapças de Léo.
b. Maria foi desencantada por Léo.
95. DESENCORAJAR
a. Maria ficou desencorajada com os argumentos de Paulo.
b. Maria foi desencorajada por Paulo.
96. DESENGANAR
a. * O paciente ficou desenganado com o médico.
b. O paciente foi desenganado pelo médico.
97. DESESPERANÇAR
a. A aluna ficou desesperançada com o conselho do professor.
b. A aluna foi desesperançada pelo professor.

98. DESESPERAR
a. José ficou desesperado com o sofrimento de Judite.
b. * José foi desesperado pelo sofrimento de Judite.
99. DESESTIMULAR
a. A tropa fica desestimulada com os conselhos do general.
b. A tropa foi desestimulada pelo general.
100. DESESTRUTURAR
a. Os jovens ficam desestruturados com as obras de Sartre.
b. * Os jovens são desestruturados pelas obras de Sartre.
101. DESFRUTAR
a. * A vida ficou desfrutada com Júlia.
b. A vida era desfrutada por Júlia.
102. DESGOSTAR
a. O irmão ficou desgostado/desgostoso com as conversas de Raul.
b. * O irmão foi desgostado por Raul.
103. DESILUDIR
a. O povo ficou desiludido com a notícia do ministro.
b. O povo foi desiludido pelo ministro.
104. DESINIBIR
a. O jovem ficou desinibido com o jeito extrovertido da morena.
b. O jovem foi desinibido pela morena.
105. DESINTERESSAR
a. Os alunos ficaram desinteressados com a explicação do professor.
b. * Os alunos foram desinteressados pelo professor.
106. DESLUMBRAR
a. O leitor ficou deslumbrado com as colocações do autor.
b. * O leitor foi deslumbrado pelo autor.
107. DESNORTEAR
a. Os pais ficam desnorteados com os problemas dos filhos.
b. * Os pais são desnorteados pelos filhos.
108. DESOPRIMIR
a. Os pais ficaram desoprimidos com a volta de Miriam.
b. * Os pais foram desoprimidos por Miriam.
109. DESORIENTAR
a. Fernando ficou desorientado com o casamento de Mira.
b. * Fernando foi desorientado por Mira.
110. DESPREOCUPAR
a. Os jogadores ficaram despreocupados com a calma do técnico.
b. * Os jogadores foram despreocupados pelo técnico.
111. DESPRESTIGIAR
a. Os professores ficaram desprestigiados com salários tão baixos.
b. Os professores foram desprestigiados pelo governo.
112. DESPREZAR
a. * O colega ficou desprezado com Gina.
b. O colega foi desprezado por Gina.
113. DETESTAR
a. * Cachorro fica detestado por Maria.
b. Cachorro é detestado por Maria.
114. DISTRAIR
a. A criança ficou distraída com o assovio do pai.
b. A criança foi distraída pelo pai.
115. DIVERTIR
a. ? Os moleques ficaram divertidos com a gagueira de Paulo.
b. Os moleques foram divertidos por Paulo.
116. EMBANANAR
a. O contador ficou embananado com as perguntas do fiscal.
b. * O contador foi embananado pelo fiscal.
117. EMBARAÇAR
a. O rapaz ficou embaraçado com a atitude da moça.
b. O rapaz foi embaraçado pela moça.

- 118.EMBRIAGAR
a. O rapaz ficou embriagado com a beleza da jovem.
b. * O rapaz foi embriagado pela jovem.
- 119.EMBROMAR
a. * O povo ficou embromado com o deputado.
b. O povo foi embromado pelo deputado.
- 120.EMBRULHAR
a. * A mulher ficou embrulhada com o marido.
b. A mulher foi embrulhada pelo marido.
- 121.EMBRUTECECER
a. O povo ficou embrutecido com tanta guerra.
b. O povo foi embrutecido por tanta guerra.
- 122.EMOCIONAR
a. Os alunos ficaram emocionados com a estória do professor.
b. * Os alunos foram emocionados pelo professor.
- 123.ENAMORAR
a. Os marinheiros ficaram enamorados com o canto das sereias.
b. * Os marinheiros foram enamorados pelas sereias.
- 124.ENCABULAR
a. O rapaz ficou encabulado com o comentário do apresentador.
b. * O rapaz foi encabulado pelo apresentador.
- 125.ENCANTAR
a. O público ficou encantado com a voz da cantora.
b. * O público foi encantado pela cantora.
- 126.ENCIUMAR
a. Maria ficou enciumada com o namoro de José.
b. * Maria foi enciumada por José.
- 127.ENCOLERIZAR
a. O pai ficou encolerizado com o comportamento de Maria.
b. * O pai foi encolerizado por Maria.
- 128.ENCORAJAR
a. O filho ficou encorajado com o sorriso do pai.
b. O filho foi encorajado pelo sorriso do pai.
- 129.ENERVAR
a. Tónico ficou enervado com aqueles boatos.
b. * Tónico foi enervado pelo povo.
- 130.ENFADAR
a. A moça ficou enfadada com a monotonia do trabalhador.
b. * A moça foi enfadada pelo trabalhador.
- 131.ENFARAR
a. José ficou enfarado com a ladainha da senhora.
b. * José foi enfarado pela senhora.
- 132.ENFASTIAR
a. Os fregueses ficaram enfastiados com as gentilezas do garçom.
b. * Os fregueses foram enfastiados pelo garçom.
- 133.ENFATUAR
a. O aluno ficou enfatuado com os elogios do mestre.
b. * O aluno foi enfatuado pelo mestre.
- 134.ENFEITIÇAR
a. O marinheiro ficou enfeitiçado com a dança da bailarina.
b. O marinheiro foi enfeitiçado pela bailarina.
- 135.ENFEZAR
a. O adversário ficou enfezado com os comentários do jogador.
b. * O adversário foi enfezado pelo jogador.
- 136.ENFURECER
a. As abelhas ficaram enfurecidas com a matraca de Paulo.
b. * As abelhas foram enfurecidas pela matraca.
- 137.ENGANAR
a. * Os fregueses ficaram enganados com a pesagem do comerciante.
b. Os fregueses foram enganados pelo comerciante.

138. ENLEVAR
a. Os alunos ficaram enlevados com a delicadeza da mestra.
b. * Os alunos foram enlevados pela delicadeza da mestra.
139. ENLOUQUECER
a. Maria ficou enlouquecida com os ciúmes de Paulo.
b. * Maria foi enlouquecida por Paulo.
140. ENOJAR
a. O povo ficou enojado com a desonestidade do governo.
b. * O povo foi enojado pelo governo.
141. ENRAIVECER
a. O cachorro ficou enraivecido com as gracinhas do menino.
b. * O cachorro foi enraivecido pelo menino.
142. ENRASCAR
a. A copeira ficou enrascada com o interrogatório do policial.
b. A copeira foi enrascada pelo policial.
143. ENTEDIAR
a. O auditório ficou entediado com aquela música.
b. * O auditório foi entediado pelo músico.
144. ENTERNECER
a. Maria ficou enternecida com o beijo de José.
b. * Maria foi enternecida por José.
145. ENTRISTECER
a. Paulo ficou entristecido/triste com toda aquela conversa.
b. * Paulo foi entristecido por aquela conversa.
146. ENTUSIASMAR
a. Padre Lula ficou entusiasmado com as ideias de Tomas.
b. Padre Lula foi entusiasmado por Tomas.
147. ENVAIDECER
a. O pai ficava envaidecido com as façanhas do filho.
b. * O pai foi envaidecido pelo filho.
148. ENVERGONHAR
a. Os funcionários ficaram envergonhados com as reprimendas do patrão.
b. Os funcionários foram envergonhados pelo patrão.
149. ENVOLVER
a. O rapaz ficou envolvido com a inteligência da mulher.
b. O rapaz foi envolvido pela mulher.
150. ESCANDALIZAR
a. O povo ficou escandalizado com os roubos do presidente.
b. * O povo foi escandalizado pelo presidente.
151. ESPANTAR
a. O vigário ficou espantado com a notícia dos fiéis.
b. * O vigário foi espantado pela notícia.
152. ESTARRECER
a. Os congressistas ficaram estarecidos com a fala de Juruna.
b. * Os congressistas foram estarecidos por Juruna.
153. ESTIMAR
a. * Os súditos ficaram estimados com a princesa.
b. Os súditos foram estimados pela princesa.
154. ESTIMULAR
a. Os reacionários ficaram estimulados com o espírito rebelde do autor.
b. Os reacionários foram estimulados pelo autor.
155. ESTONTEAR
a. O auditório ficou estonteado com a beleza de Maria.
b. * O auditório foi estonteado por Maria.
156. ESTRANHAR
a. * O cachorro ficou estranhado por Maria.
b. O cachorro foi estranhado por Maria.
157. ESTREMECER
a. O povo ficou estremeado com a remarcação de preços do governo.
b. * O povo foi estremeado pelo governo.

158. EXASPERAR
a. João ficou exasperado com a indiferença de Manuela.
b. * João foi exasperado pela indiferença de Manuela.
159. EXCITAR
a. José ficou excitado com as ideias de Maria.
b. José foi excitado pelas ideias de Maria.
160. EXECRAR
a. * Os perdedores ficaram execrados com Alexandre.
b. Os perdedores foram execrados por Alexandre.
161. EXTASIAR
a. A plateia fica extasiada com as acrobacias do artista.
b. * A plateia foi extasiada pelo artista.
162. FASCINAR
a. Os viajantes ficaram fascinados com o canto da sereia.
b. Os viajantes foram fascinados pela sereia.
163. FERIR
a. Maria ficou ferida com as palavras ásperas de José.
b. Maria foi ferida por José.
164. FLAGELAR
a. As criaturas ficam flageladas com o demônio.
b. As criaturas são flageladas pelo demônio.
165. FORTALECER
a. Os colegas ficavam fortalecidos com a opinião de Tomas.
b. Os colegas eram fortalecidos por Tomas.
166. FRUSTRAR
a. O pai ficou frustrado com as notas de Pedro.
b. * O pai foi frustrado por Pedro.
167. GOZAR
a. * A vida ficou gozada com Simão.
b. A vida foi gozada por Simão.
168. GRILAR
a. O garoto ficou grilado com a mãe.
b. * O garoto foi grilado pela mãe.
169. HONRAR
a. * Castelo ficou honrado com José.
b. Castelo foi honrado por José.
170. HORRIPILAR
a. A multidão ficou horripilada com o filme do cineasta.
b. * A multidão foi horripilada pelo cineasta.
171. HORRORIZAR
a. Curio ficou horrorizado com a proposta de Paco.
b. * Curio foi horrorizado por Paco.
172. HOSTILIZAR
a. * A empregada ficou hostilizada pela patroa.
b. A empregada foi hostilizada pela patroa.
173. HUMILHAR
a. * A nobreza ficou humilhada com o rei.
b. A nobreza foi humilhada pelo rei.
174. IDOLATRAR
a. * O marido ficava idolatrado com Suzana.
b. O marido era idolatrado por Suzana.
175. ILUDIR
a. O diretor ficou iludido com o relatório do funcionário.
b. O diretor foi iludido pelo funcionário.
176. ILUMINAR
a. Os pais ficaram iluminados com a chegada do bebê.
b. * Os pais foram iluminados pela chegada do bebê.
177. IMPACIENTAR
a. O namorado ficou impaciente com a demora de Marília.
b. * O namorado foi impacientado? por Maria.

- 178.IMPORTUNAR
a. Os convidados ficaram importunados com a sanfona de Raimundo.
b. Os convidados foram importunados por Raimundo.
- 179.IMPRESSIONAR
a. O mestre fica impressionado com a prova de Frederico.
b. * O mestre foi impressionado por Frederico.
- 180.INCENDIAR
a. O rapaz ficava incendiado com os olhares da jovem.
b. O rapaz era incendiado pela jovem.
- 181.INCENTIVAR
a. Os investidores ficam incentivados com os planos do governo.
b. Os investidores são incentivados pelo governo.
- 182.INCITAR
a. Os dançarinos ficaram incitados com a Música alegre do violinista.
b. Os dançarinos foram incitados pelo violinista.
- 183.INCOMODAR
a. José ficou incomodado com o barulho do vizinho.
b. José foi incomodado pelo vizinho.
- 184.INDIGNAR
a. As senhoras ficaram indignadas com os trajes de Alexandre.
b. * As senhoras foram indignadas por Alexandre.
- 185.INEBRIAR
a. A noiva ficava inebriada com Léo.
b. * A noiva foi inebriada por Léo.
- 186.INFLUENCIAR
a. O povo ficava influenciado com as declarações de Juscelino.
b. O povo era influenciado por Juscelino.
- 187.INIBIR
a. Os discípulos ficaram inibidos com a sabedoria do mestre.
b. Os discípulos foram inibidos pelo mestre.
- 188.INQUIETAR
a. A classe ficou inquieta com a atitude do professor.
b. * A classe foi inquieta pelo professor.
- 189.INSTIGAR
a. Paulinho ficou instigado com os gritos das crianças.
b. Paulinho foi instigado pelas crianças.
- 190.INTIMIDAR
a. A oposição ficou intimidada com os capangas do delegado.
b. A oposição foi intimidada pelo delegado.
- 191.INTRANQUILIZAR
a. A população ficou intraquilizada?/intranqüila com as medidas do governo.
b. A população foi intranqüilizada pelo governo.
- 192.INTRIGAR
a. Os políticos ficaram intrigados com a aparição de Jânio na TV.
b. Os políticos foram intrigados por Jânio.
- 193.INVEJAR
a. * José ficou invejado com Paulo.
b. José foi invejado por Paulo.
- 194.IRAR
a. A vizinha ficou irada com as fofocas de Lúcia.
b. * A vizinha foi irada por Lúcia.
- 195.IRRITAR
a. O pai ficou irritado com as maneiras do rapaz.
b. * O pai foi irritado pelo rapaz.
- 196.JOVIALIZAR
a. ? Renata ficava jovializada com os incentivos do namorado.
b. ? Renata foi jovializada pelo namorado.
- 197.LIQUIDAR
a. Leandro ficou liquidado com o amor obsessivo de Virgínia.
b. * Leandro foi liquidado por Virgínia.

- 198.LISONJEAR
a. A moça ficou lisonjeada com a paixão do rapaz.
b. A moça foi lisonjeada pelo rapaz.
- 199.LOUVAR
a. * O Senhor fica louvado com os fiéis.
b. O Senhor foi louvado pelos fiéis.
- 200.LIDIBRIAR
a. * Os parceiros ficaram ludibriados com os truques do jogador.
b. Os parceiros foram ludibriados pelo jogador.
- 201.MACHUCAR
a. Ritinha ficou machucada com as mentiras de André.
b. * Ritinha foi machucada por André.
- 202.MAGNETIZAR
a. Os índios ficam magnetizados com os encantos de Iara.
b. * Os índios são magnetizados pela Iara.
- 203.MAGOAR
a. A mãe ficou magoada com as palavras da filha.
b. * A mãe foi magoada pela filha.
- 204.MALQUERER
a. * Os gatos ficaram malqueridos com Mariana.
b. Os gatos eram malqueridos por Mariana.
- 205.MARAVILHAR
a. A torcida ficou maravilhada com o excelente futebol do jogador.
b. * A torcida foi maravilhada pelo jogador.
- 206.MARTIRIZAR
a. * Os homens ficam martirizados com o capricho das mulheres.
b. Os homens são martirizados pelas mulheres.
- 207.MELINDRAR
a. O amigo ficou melindrado com a brincadeira de João.
b. * O amigo foi melindrado por João.
- 208.MENOSPREZAR
a. * O aluno ficou menosprezado com o professor.
b. O aluno foi menosprezado pelo professor.
- 209.MIMAR
a. O netinho ficou mimado com os exageros da avó.
b. O netinho foi mimado pelos exageros da avó.
- 210.MODIFICAR
a. José foi modificado com os conselhos de Altamira.
b. José foi modificado por Altamira.
- 211.MORTIFICAR
a. A noviça ficou mortificada com as penitências da monja.
b. A noviça foi mortificada pela monja.
- 212.MOTIVAR
a. As mulheres ficaram motivadas com o congelamento de preços.
b. As mulheres foram motivadas pelo presidente.
- 213.NAMORAR
a. * O relógio ficava namorado com Joaquina.
b. O relógio era namorado por Joaquina.
- 214.NAUSEAR
a. O eleitor ficou nauseado com os discursos do deputado.
b. * O eleitor foi nauseado pelo deputado.
- 215.OBCECAR
a. A namorada ficou obcecada com a paixão de Paulo.
b. * A namorada ficou obcecada por Paulo.
- 216.ODIAR
a. * A professora ficou odiada com a menina.
b. A professora foi odiada pela menina.
- 217.OFENDER
a. Olga ficou ofendida com os insultos do marido.
b. Olga foi ofendida pelo marido.

218. OPRIMIR
a. O filho ficava oprimido com o zelo excessivo da mãe.
b. O filho foi oprimido pela mãe.
219. ORGULHAR
a. O mestre ficou orgulhosos com a dedicação do discípulo.
b. * O mestre foi orgulhoso pelo discípulo.
220. ORIÇAR
a. O aluno ficou oriçado com as palavras do diretor.
b. O aluno foi oriçado pelo diretor.
221. PACIFICAR
a. * A rebelião ficou pacificada com o governo.
b. A rebelião foi pacificada pelo governo.
222. PARALIZAR
a. O povo ficou paralisado com as medidas drásticas do governo.
b. * O povo foi paralisado pelo presidente.
223. PASMAR
a. O público ficou pasmado/pasmo com as acrobacias do aviador.
b. * O público foi pasmado pelas acrobacias do aviador.
224. PENALIZAR
a. A mãe ficou penalizada com a atitude do filho.
b. * A mãe foi penalizada pelo filho.
225. PERDOAR
a. * O marido ficou perdoado com Eulalia.
b. O marido foi perdoado por Eulalia.
226. PERTURBAR
a. Lia ficou perturbada com as confissões de Carlos.
b. Lia foi perturbada por Carlos.
227. PIRAR
a. Maria ficava pirada com as brincadeiras de João.
b. * Maria foi pirada por João.
228. PREOCUPAR
a. A mãe ficava preocupada com a arrogância de Rosa.
b. * A mãe foi preocupada por Rosa.
229. PRESTIGIAR
a. O chefe ficou prestigiado com a presença dos funcionários.
b. O chefe foi prestigiado pelos funcionários.
230. PREZAR
a. * Uma companheira fica prezada com o homem.
b. Uma companheira é prezada pelo homem.
231. PROVOCAR
a. * O amigo ficou provocado com Massú.
b. O amigo foi provocado por Massú.
232. PURIFICAR
a. Léo ficou purificado com o amor de Clara.
b. Léo foi purificado por Clara.
233. QUERER
a. * O funcionário ficou querido com o governador.
b. O funcionário foi querido pelo governador.
234. QUIETAR
a. O garoto ficou quieto com a canção de ninar da mãe.
b. O garoto foi quietado? pela mãe.
235. REABILITAR
a. * Os alunos ficavam reabilitados com a dedicação do professor.
b. Os alunos eram reabilitados pelo professor.
236. REANIMAR
a. José ficou reanimado com as esperanças de Maria.
b. José foi reanimado por Maria.
237. REATIÇAR
a. O povo ficou reatiçado com a chegada dos estrangeiros.
b. O povo foi reatiçado pelos estrangeiros.

238. REAVIVAR
a. Hans ficou reavivado com aquelas lembranças.
b. Hans foi reavivado por Lílian.
239. REBELAR
a. O povo ficou rebelado com os altos impostos do rei.
b. * O povo foi rebelado pelo rei.
240. RECALCAR
a. A criança ficou recalçada com a anarquia da mãe.
b. * A criança foi recalçada pela mãe.
241. RECEAR
a. * Os irmãos ficaram receados com Rosália.
b. Os irmãos eram receados por Rosália.
242. RECONFORTAR
a. * O filho ficou reconfortado com a mãe.
b. O filho foi reconfortado pela mãe.
243. REGALAR
a. * O visitante ficou regalado com Marialva.
b. ? O visitante foi regalado por Marialva.
244. REGENERAR
a. * O filho ficou regenerado com o pai.
b. O filho foi regenerado pelo pai.
245. REGOZIJAR
a. ? Pilo ficou regozijada com a hospitalidade de mamãe.
b. * Pilo foi regozijada por mamãe.
246. REJEITAR
a. * A comida foi rejeitada com Sinha.
b. A comida foi rejeitada por Sinha.
247. REJUBILAR
a. ? A plateia ficou rejubilada com a presença viva do cantor.
b. ? A plateia foi rejubilada pelo cantor.
248. RELAXAR
a. A plateia ficou relaxada com as piadas do humorista.
b. A plateia foi relaxada pelo humorista.
249. REPELIR
a. * A ideia de Pedro ficou repelida com Laura.
b. A ideia de Pedro foi repelida por Laura.
250. REPRIMIR
a. * O povo ficou reprimido com o ditador.
b. O povo foi reprimido pelo ditador.
251. REPUDIAR
a. * O tratado ficou repudiado com o Xá.
b. O tratado foi repudiado pelo Xá.
252. REPUGNAR
a. * Gastão ficou repugnado com Lili.
b. Gastão era repugnado por Lili.
253. RESPEITAR
a. * O Bonsucesso fica respeitado com Coutinho.
b. O Bonsucesso foi respeitado por Coutinho.
254. RETRAIR
a. D. Marta ficou retraída com o jeito espalhafatoso de Cláudio.
b. * D. Marta foi retraída por Cláudio.
255. REVERENCIAR
a. * JK ficou reverenciado com o povo.
b. JK foi reverenciado pelo povo.
256. REVITALIZAR
a. O casal fica revitalizado com a chegada do filho temporão.
b. * O casal foi revitalizado pelo filho temporão.
257. REVOLTAR
a. A moça fica revoltada com a proibição dos pais.
b. * A moça foi revoltada pelos pais.

- 258.RIDICULARIZAR
a. * O aluno ficou ridicularizado pelo professor.
b. O aluno foi ridicularizado pelo professor.
- 259.RUBORIZAR
a. A moça fica ruborizada com a anedota do humorista.
b. * A moça foi ruborizada pelo humorista.
- 260.SACIAR
a. Os discípulos ficaram saciados com a sabedoria do mestre.
b. Os discípulos foram saciados pelo mestre.
- 261.SATISFAZER
a. A mãe ficou satisfeita com a resposta do menino.
b. A mãe foi satisfeita pelo menino.
- 262.SATURAR
a. José ficou saturado com as lamentações de Matilde.
b. * José foi saturado por Matilde.
- 263.SEDUZIR
a. O povo ficou seduzido com as propostas dos parlamentaristas.
b. O povo foi seduzido pelos parlamentaristas.
- 264.SENSIBILIZAR
a. O público ficou sensibilizado com a sutileza do cineasta.
b. O público foi sensibilizado pelo cineasta.
- 265.SENTIMENTALIZAR
a. ? Cecília ficou sentimentalizada com a serenata do amante.
b. ? Cecília foi sentimentalizada pelo amante.
- 266.SERENAR
a. * O marido ficou serenado com os carinhos de Luci.
b. O marido foi serenado por Luci.
- 267.SOBRESSALTAR
a. Matilde ficou sobressaltada com a aparição de José.
b. * Matilde foi sobressaltada por José.
- 268.SOSSEGAR
a. O filho ficou sossegado com as histórias do pai.
b. O filho foi sossegado pelo pai.
- 269.SUAVIZAR
a. A multidão ficou suavizada com a chegada dos policiais.
b. A multidão foi suavizada pelos policiais.
- 270.SUBESTIMAR
a. * O advogado ficou subestimado com Eleotério.
b. O advogado foi subestimado por Eleotério.
- 271.SUBJUGAR
a. * O empregado ficou subjugado com o capataz.
b. O empregado era subjugado pelo capataz.
- 272.SUBLIMAR
a. * A família ficava sublimada com Fred.
b. A família era sublimada por Fred.
- 273.SUFOCAR
a. O filho ficava sufocado com a possessão da mãe.
b. O filho era sufocado pela mãe.
- 274.SUGESTIONAR
a. A irmã ficou sugestionada com os conselhos de Maria.
b. A irmã era sugestionada por Maria.
- 275.SUPERESTIMAR
a. * O doutor ficava superestimado com o paciente.
b. O doutor era superestimado pelo paciente.
- 276.SUPLICIAR
a. * Maria ficava supliciada com José.
b. ? Maria era supliciada por José.
- 277.SUPOSTAR
a. * A sogra ficava suportada com o gênio de Laura.
b. A sogra era suportada por Laura.

278. SURPREENDER
a. A plateia ficou surpreendida com a falta de escrúpulos do deputado.
b. A plateia foi surpreendida pelo deputado.
279. SUSCETIBILIZAR
a. O coronel ficou suscetibilizado com o convite do compadre.
b. * O coronel foi suscetibilizado pelo compadre.
280. TAPEAR
a. * A mulher fica tapeada com o marido.
b. A mulher é tapeada pelo marido.
281. TEMER
a. * O cachorro fica temido com José.
b. O cachorro é temido por José.
282. TENTAR
a. * Filó ficava tentada com as guloseimas de Sinha.
b. Filó era tentada por Sinha.
283. TIRANIZAR
a. * Emerenciana ficava tiranizada com seu marido.
b. Emerenciana era tiranizada por seu marido.
284. TOCAR
a. O amigo ficava tocado com o sofrimento de Lia.
b. * O amigo era tocado por Lia.
285. TOLERAR
a. * O amigo ficava tolerado com Lafaiete.
b. O amigo era tolerado por Lafaiete.
286. TONTEAR
a. Tonico ficava tonto com as conversas de Pedro.
b. * Tonico era tonteado? por Pedro.
287. TOPAR
a. * Carlos ficava topado com Lino.
b. ? Carlos era topado por Lino.
288. TORTURAR
a. * A moça ficou torturada com o rapaz.
b. A moça foi torturada pelo rapaz.
289. TRANQUILIZAR
a. * A moça ficou tranquilizada com o jovem.
b. A moça foi tranquilizada pelo rapaz.
290. TRANSFIGURAR
a. O irmão ficou transfigurado com as pirraças de Tiago.
b. * O irmão foi transfigurado por Tiago.
291. TRANSFORMAR
a. Filó ficou transformada com o otimismo de Germano.
b. Filó foi transformada por Germano.
292. TRANSTORNAR
a. O primo ficava transtornado com as brincadeiras maldosas de Augusta.
b. * O primo era transtornado por Augusta.
293. TRAUMATIZAR
a. O filho ficou traumatizado com o tratamento da Mãe.
b. * O filho foi traumatizado pela mãe.
294. TRITURAR
a. * Ludmila ficava triturada com o esposo.
b. Ludmila era triturada pelo esposo.
295. TUMULTUAR
a. Os companheiros ficaram tumultuados com os argumentos do líder.
b. Os companheiros foram tumultuados pelo líder.
296. UFANAR
a. * O artista ficava ufanado com a plateia.
b. O artista era ufanado pela plateia.
297. ULTRAJAR
a. O velho ficou ultrajado com os insultos de Eusébio.
b. O velho foi ultrajado por Eusébio.

298. VENERAR

- a. * O ditador ficava venerado com o povo.
- b. O ditador era venerado pelo povo.

299. VERGAR

- a. * O homem ficava vergado com João.
- b. O homem era vergado por João.

300. VEXAR

- a. Os alunos ficaram vexados com as reprimendas da professora.
- b. Os alunos foram vexados pela professora.